

Leia nesta edição

Editorial **pg. 2**

Tema de capa

Entrevistas

Jean-Claude Monod: Paulo e a fé como loucura, ruptura e escândalo **pg. 3**

Rémi Brague: A crise do Cristianismo e da Modernidade **pg. 11**

Hartwig Bischof: A utopia política de Paulo **pg. 17**

Emilio Brito: Nietzsche, Paulo e o Cristianismo **pg. 20**

Júlio Zabatiero: Paulo e Lutero **pg. 24**

Álvaro Valls: Paulo e Kierkegaard **pg. 27**

Brasil em Foco

Fernando Cardim Carvalho: As conseqüências de governar para o mercado **pg. 34**

Destaques da semana

Entrevistas da Semana:

Alain Touraine: A crise social francesa **pg. 38**

Emmanuel Todd: França. Pcesso de deslegitimação da elite **pg. 40**

Richard Sennett: "A França na pré-estréia" **pg. 42**

Axel Honneth: "O CPE ataca as expectativas de reconhecimento do trabalhador" **pg. 43**

Filme da Semana:

A máquina **pg. 46**

Gilmar Hermes: Por que o filme se chama *A Máquina?* **pg. 47**

Teologia Pública:

Luiz Carlos Susin: Fórum Mundial de Teologia e Libertação **pg. 48**

Paul Alexander Schweitzer: A relação entre fé e ciência **pg. 53**

IHU em revista

Eventos **pg. 58**

IHU Repórter **pg. 68**

Sala de Leitura **pg. 70**

Errata **pg. 71**

Paulo de Tarso e a contemporaneidade



Editorial

Paulo de Tarso, para surpresa de muitos, é relido, hoje, por filósofos como Alain Badiou, Giorgio Agamben, Jacob Taubes, Jean-François Lyotard e Slavoj Žižek. O universalismo e a singularidade, o lugar do dom e da sua gratuidade, a substituição da sabedoria pela loucura, entre outros, são aspectos desse debate que supera qualquer confessionalidade.

Neste tempo de Páscoa, convidamos alguns intelectuais a discutirem o legado de Paulo à luz da contemporaneidade. Jean-Claude Monod, Rémi Brague e Hartwig Bischof, entre outros, nos auxiliam a compreender a contribuição de Paulo para a formulação do projeto moderno.

As imponentes manifestações dos jovens franceses contra a reforma trabalhista suscita muitas questões e interrogações sobre o seu significado. A página web do IHU (www.unisinos.br/ihu) publica entrevistas de analistas sociais como Alain Touraine, Alex Honneth, Richard Sennett e Emmanuel Todd. Este material reunimos nesta edição para consulta e discussão.

Fernando Cardim de Carvalho, economista da UFRJ, analisa a política econômica do governo Lula, comparando-a com a do governo FHC. Enquanto Flávio Comim, professor de economia da UFRGS, refletindo sobre a obra de Amartya Sen, é categórico: "Temos hoje no Brasil economistas ortodoxos e heterodoxos que rezam pela mesma cartilha, dado que estão todos interessados apenas na promoção do crescimento econômico".

As entrevistas com o matemático Paul Schweitzer, novo membro da Academia Brasileira de Ciências e o teólogo Luiz Carlos Susin, abordam problemas relacionados com a teologia pública.

A todas e todos uma ótima leitura e uma FELIZ PÁSCOA!

Paulo e a fé como loucura, ruptura e escândalo

Entrevista com Jean-Claude Monod

O filósofo Jean-Claude Monod é pesquisador em filosofia alemã pós-hegeliana, filosofia política, filosofia contemporânea e ciências humanas nos Arquivos Husserl, de Paris, no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), École Normale Supérieure.

De sua vasta lista de publicações, citamos: *La querelle de la sécularisation. De Hegel à Blumenberg* Paris: Vrin, 2002, 320 p. Confira a entrevista que o filósofo concedeu por e-mail à *IHU On-Line*.

IHU On-Line - Quais foram as contribuições mais importantes de Paulo ao cristianismo de sua época? Como seria o cristianismo sem Paulo?
Jean-Claude Monod - É difícil falar de "contribuição" de Paulo ao "cristianismo de sua época": em certo sentido, Paulo contribui para forjar o cristianismo,

centrando a fé cristã em "o evento" da Cruz e da Ressurreição, uma morte que deve dar vida, e dando a esta revelação o sentido de um acontecimento universal, que deve, portanto, ser levado a todas as nações. Este apelo a um "Israel Universal", por nascer, implicava em uma demarcação em face do antigo Israel e de

sua revelação particular, como das religiões “pagãs” do império romano: Paulo desenvolve um discurso violento, antitético, que marca tudo o que opõe o “cristianismo” nascente às formas de pensamento greco-helenísticas antigas (filosóficas e religiosas), como à estirpe judaica da qual ele mesmo saiu. Assim, ele “teoriza” a ruptura, o escândalo, a fé como “loucura”, se vista de fora, mas capaz, todavia, em Paulo, de argumentar em seu favor e de se defender com um discurso misto. Este discurso é feito, de um lado, do anúncio do acontecimento e da necessidade de formar comunidades de fé na espera escatológica da volta do Cristo, e, de outro lado, de uma argumentação constante, polêmica, irada, que visa fazer entender a subversão da existência atingida pela fé, que a própria “reviravolta” de Paulo exemplifica (o perseguidor dos cristãos se tornando o missionário por excelência).

Pensamento paulino

A insistência na ressurreição do Cristo e na ressurreição dos corpos, a dialética da Lei e do pecado (não sendo o pecado conhecido a não ser pela lei, e devendo a lei ser abolida ou “desativada”, como diz Agamben¹, pela fé que “salva” todos os pecadores que nós “todos” somos), a justificação pela fé, antes do que pelas obras (“onde está, então, o direito de se glorificar? Ele está excluído. Por que gênero de lei? Aquela das obras? Não, por uma lei de fé” (Rom, 3, 27), o carisma do Espírito que “vivifica” lá onde a letra “mata”, a interpretação do corpo como “templo”, o tema de um combate interior entre a carne e o espírito, de uma

¹ **Giorgio Agamben** (1942): Nasceu em Roma. Participou no seminário que Heidegger dirigiu em Le Thor, em 1968, e é o responsável pela edição da *Einaudi* das obras completas de Walter Benjamin. Já conta com uma extensa listagem de publicações dentro do gênero ensaístico. (Nota da *IHU On-Line*)

dissociação do espírito que “vê” (o bem) e da vontade carnal que “faz” (o mal): todos esses temas, tornados clássicos, são outras tantas contribuições paulinas ao pensamento cristão.

***IHU On-Line* - Como seria o cristianismo sem Paulo?**

Jean-Claude Monod- Imaginar o cristianismo sem Paulo é uma experiência de pensamento igualmente difícil, mas interessante, que foi tentada por diversas vezes: pode-se sugerir que, sem Paulo, o cristianismo não teria sido pensado de um modo separado, ele teria permanecido uma variante, uma seita (no sentido de Troeltsch²) entre outros movimentos judeus messiânicos. Certas leituras contemporâneas, como a do filósofo francês de proveniência marxista, Alain Badiou³, insistem nesta “verdade” que o afetou pessoalmente com um acontecimento singular, mas que ele considerou dever ser levado a todas as pessoas, homens e mulheres, judeus e

² **Ernst Troeltsch** (1865 -1923): Teólogo, historiador e filósofo alemão nasceu em 17 de fevereiro, em Augsburg. Aos 19 anos, inicia-se nos estudos teológicos. Como era comum naquela época, realizou-os em três diferentes universidades: Erlangen, Berlim e Göttingen. Troeltsch associou-se a um grupo que viria a se tornar conhecido como “escola da história da religião”. Com apenas 27 anos, é nomeado professor na Universidade de Bonn. No ano seguinte, transfere-se para Heidelberg, universidade em que trabalhavam alguns dos maiores nomes da ciência alemã. Vindo de Freiburg em 1897, o sociólogo Max Weber passa a fazer parte de seu círculo. As famílias de Troeltsch e Weber tornam-se íntimas a ponto de morar por algum tempo na mesma casa. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Alain Badiou** (1937): Alain Badiou, filósofo, dramaturgo e romancista, leciona filosofia na Universidade de Paris-VII Vincennes e no Collège International de Philosophie. Ele é autor, entre muitos outros, do livro *Saint Paul. La fondation de l'universalisme*. Paris: PUF, 1997. O livro foi várias reeditado na França e traduzido em diferentes línguas como o inglês e o italiano. (Nota do *IHU On-Line*)

gregos, etc., instituindo, assim, uma forma de universalismo novo, uma Igreja sem precedente. O cristianismo sem Paulo teria tido esta capacidade de se fazer Igreja “mundial”? É uma questão a ser levantada.

A visão de Nietzsche

De seu lado, Nietzsche ⁴estimava que Paulo é amplamente aquele que inicia um movimento de deturpação do ensinamento do Cristo, para fazer o contrário do que este preconizava: um começo de dogma em lugar de uma atitude de vida, uma doutrina em lugar de uma ética, um ódio da sexualidade em lugar de uma indiferença benigna (a mulher adúltera) etc. Nietzsche, no fundo, imputa a Paulo a introdução de uma teologia do ressentimento no cristianismo, quando Jesus teria trabalhado para a destruição do ressentimento, numa ruptura com o judaísmo e sua lógica do talião. Mas pode-se perguntar se Nietzsche não é vítima, ele próprio, então, de uma forma de ressentimento em face de Paulo e do judaísmo, que se tornam os responsáveis bem longínquos dos males da cultura cristã de seu tempo.

IHU On-Line- Que relações podemos estabelecer em Paulo entre religião e política?

⁴ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus polêmicos conceitos “além-do-homem”, transvaloração dos valores, nihilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim Falou Zaratustra*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; *O Anticristo*. Lisboa: Guimarães, 1916; *A Genealogia da Moral*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004. Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13 de dezembro de 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

Jean-Claude Monod- Esta é uma questão muito controversa, com base na famosa passagem de Romanos, 13, 1: “obedecei às pessoas de poder, pois todo poder vem de Deus”. Estas linhas terão servido a todos, sobretudo para justificar uma cultura da obediência, da autoridade, por vezes até a desqualificação de toda capacidade de resistência. O próprio Lutero se apóia nestas passagens, quando ele apela à mais feroz repressão contra a revolta dos cidadãos alemães, por ocasião da “guerra dos camponeses”. Entretanto, há uma outra tradição de leitura, notavelmente ilustrada por Karl Barth⁵ em seu célebre comentário da epístola aos Romanos, que insiste em dois fatos: de uma parte, todo o texto se baseia numa distinção entre o interior e o exterior, o essencial e o não-essencial, e numa “reserva” que faz o cristão obedecer “em consciência”. De outra parte, é preciso estar atento ao contexto de sua passagem, ao que o enquadra, ou seja, à questão que encerra o capítulo 12: “como vencer o mal?”. A resposta, numa palavra, é que não se deve procurar vencê-lo em seu próprio terreno, por seus meios, e isso visa, em suma, a todos os meios exteriores, políticos, a guerra, a resistência violenta à força, a sedição, etc. É preciso vencer o mal pelo bem.

A interpretação de Barth

Para Barth, há uma formidável *relativização das autoridades temporais*, dos poderes estabelecidos, aos quais se deve, sem dúvida, pagar o imposto, obedecer etc., mas, para preservar o essencial: de uma parte, o aguardo da salvação e da segunda vinda do Cristo, em glória, pensada por Paulo como iminente; de outra parte, o amor, de que

⁵ Karl Barth (1886-1968): De 1911 a 1921 foi pastor. Mais tarde foi professor de Teologia em Bonn, na Alemanha. Escreveu entre outros livros: *Introdução à Teologia Evangélica*, São Leopoldo, RS: Sinodal, 1981. (Nota do *IHU On-Line*)

se é devedor sem medida. Há, pois, uma recusa de que o objeto da fé seja misturado às lutas políticas, que as lutas sociais ou as guerras sejam conduzidas em nome de Deus etc. (Barth reagia, assim, notadamente ao “Gott mit uns”, “Deus conosco”, gravado no capacete dos soldados alemães, durante a Primeira Guerra mundial. Não, Deus não está “com” ninguém na guerra, ele é o “totalmente Outro” em relação aos negócios mundanos, estima Barth, fazendo eco a Paulo).

A despolitização política de Paulo

Esta despolitização, porém, era ela própria política, nacional, nacionalista do cristianismo (como Barth notará ainda, opondo-se aos “Cristãos Alemães” ligados a Hitler). Esta dimensão comunica, então, com a dimensão mais freqüentemente designada como a essencial contribuição de Paulo: a proclamação do universal, que tem inevitavelmente um alcance político em sua própria recusa das divisões e das fronteiras políticas e sociais. “Não há mais nem judeu nem gentio, nem homem nem mulher, nem escravo nem homem livre.” Paulo é tudo isso ao mesmo tempo e, contraditoriamente: um risco de absolutização da obediência, uma relativização da política, uma abertura ao universal, uma recordação da origem divina de toda instituição que pode desembocar no conservadorismo puro, mas que pode, também, ser compreendida de modo escatológico, quase revolucionário, como Jacob Taubes⁶ sugeriu – toda ordem política é

⁶ **Jacob Taubes** (1923 - 1987): Taubes foi sociólogo da religião, filósofo e especialista em judaísmo. Taubes nasceu dentro de uma antiga família de rabinos. Ele obteve seu título de doutor em 1946 com a tese *Abendländische Eschatologie* e inicialmente ensinou estudos religiosos e estudos judeus nos Estados Unidos. A partir de 1965 foi Professor de Estudos Judeus e Hermenêuticos da Universidade Livre de Berlim. Ele é autor da importante obra *Die politische*

subordinada a uma ordem mais essencial que deve ser observada sem medida.

IHU On-Line - De que forma o pensamento paulino sofreu transformações em seu contato com o Ocidente?

Jean-Claude Monod - Todos os comentadores sublinharam o encontro e a tensão dos discursos em Paulo, ou seja, a confrontação entre uma retórica grega, nutrida notadamente pela tradição da diatribe e da prática das antíteses polêmicas, uma inscrição no império romano que relaciona povos distintos e seus múltiplos deuses sob a égide de uma única lei, e um messianismo judeu subvertido pelo anúncio da vinda, da morte e da Ressurreição do “rei dos judeus”. Pode-se dizer que Paulo funde numa só essas tradições culturais, mas, também que ele as faz todas explodir: ele fala a língua grega dos filósofos para sublinhar o abismo entre a “sabedoria do mundo” (a filosofia) e a “loucura” da Cruz; ele fala a língua do evento messiânico, mas para “escandalizar” os judeus pelo anúncio da morte do Cristo e de seu retorno próximo, ele reverte as forças de todas essas línguas contra elas mesmas. A principal característica retirada do contato com as estratégias argumentativas “ocidentais”, grega e latina, é precisamente esta capacidade de dar a entender o inaudito e o inconcebível pelas antíteses e pelos paradoxos, a constituição de uma teologia cristã – por vezes se disse de Paulo que ele era, falando em sentido próprio, um primeiro teólogo cristão, o primeiro a fazer falar o cristianismo na língua filosófica grega, para fazer resultar uma antifilosofia, uma anti-sabedoria, que seria mais que a sabedoria, numa palavra

Theologie des Paulus. Vorträge gehalten an der Forschungsstätte der evangelischen Studiengemeinschaft in Heidelberg, 23.-27. Februar 1987. (Nota da IHU On-Line)

fulgurante, mas que denuncia a letra para glorificar o espírito.

***IHU On-Line* - Podemos afirmar que a modernidade surgiu fundamentalmente do cristianismo e que o pensamento de Paulo tem um lugar fundamental na geração de todo o estilo de vida moderna?**

Jean-Claude Monod - Eu não penso que se possa afirmar simplesmente que a modernidade saiu do cristianismo, mesmo se toda uma tradição filosófica e teológica o sustentam, a começar por Hegel: nos princípios da filosofia do direito, o “princípio moderno” de afirmação dos “direitos infinitos da subjetividade”, tal como ele se realizaria no Estado de direito pós-revolucionário, é diretamente relacionado por Hegel ao “princípio cristão”, afirmado abstratamente pelo Cristo, do valor infinito de cada individualidade, e da igualdade de todos “em Deus”. Neste sentido muito genérico, pode-se pensar evidentemente que o cristianismo contribuiu para moldar o Ocidente moderno e é um dos componentes do “conteúdo normativo da modernidade”, como diz Habermas. Entretanto, as teses demasiado “continuístas” me parecem ser carentes dos acontecimentos irreduzíveis ao autodesenrolar de uma “lógica” cristã: como o sublinhou Hans Blumenberg⁷ (em *Die Legitimität der Neuzeit [A legitimidade da modernidade]*, uma obra traduzida para o inglês e para o francês), não se daria conta da modernidade sem evocar, por exemplo, a reabilitação, parcialmente anticristã, da curiosidade teórica que preparou a revolução científica moderna; pode-se dizer,

⁷ **Hans Blumenberg** (1920-1996): A obra *Die Legitimität der Neuzeit* é de 1966 e foi sucessivamente reeditada pela Suhrkamp Verlag. Ela foi traduzida, em 1999, para o francês sob o título *La légitimité des Temps Modernes*. (Nota do *IHU On-Line*)

igualmente, que a democracia moderna, se ela herdou um conteúdo “cristão” secularizado pela idéia dos direitos do homem, também implicou desencadear de um princípio de construção do coletivo na única base da razão – lembremos, por exemplo, que Grotius constrói uma teoria do pacto social que deve ser válido, “mesmo se Deus não existe”.

Obediência fundada na autonomia

O lugar de Paulo é tipicamente “universalista” (“não há mais nem judeu, nem gentio, nem grego, nem bárbaro, nem homem, nem mulher...”) segundo a lógica universalista da modernidade (cosmo)política, ou segundo a mundialização que Derrida⁸ chamava, com uma ponta de humor, a “mundialatinização”. Entretanto, de um outro lado, é em parte contra a temática “paulina” da obediência devida às autoridades (o “todo o poder provém de Deus”) que a filosofia política moderna tentou construir uma idéia da obediência fundada na autonomia (Rousseau⁹, no *Contrato Social*, toma explicitamente por alvo o “todo o poder provém de Deus”... toda doença também, acrescentará ele, e será por isso que eu deva deixá-la

⁸ Sobre o autor a *IHU On-Line* entrevistou o filósofo e professor da PUC-Rio, Rafael Haddock-Lobo na edição 168 e o psicanalista e professor do curso de Psicologia da Unisinos, Charles Lang, na edição 150. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹ **Jean Jacques Rousseau** (1712-1778): Filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e um compositor musical autodidata nascido em Genebra. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As idéias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. (Nota da *IHU On-Line*).

prosperar em meu organismo?). A determinação mais profunda que tenha deixado Paulo sobre nossos estilos de vida é, sem dúvida, através da Igreja, sua concepção das relações entre os sexos, da qual o mínimo que se possa dizer é que ela não é tipicamente “moderna”.

IHU On-Line- Como se encontra o cristianismo no Ocidente diante da crise da modernidade?

Jean-Claude Monod- É uma questão demasiado ampla para mim. Seria preciso definir o que se entende por “crise da modernidade”. Trata-se da crise dum programa de controle da natureza pela ciência e pela técnica? Do fracasso duma perspectiva de emancipação dos dominados, ou de construção duma humanidade pacificada? Certos aspectos deste programa me parecem sempre atuais, mas, é claro que uma forma de progressismo confiante no “movimento real das coisas”, como dizia Marx, hoje não vem mais ao caso. Há crise do futuro, e crise da “legitimação para o futuro”, que era uma instância da modernidade. De onde, de um lado, há um interesse renovado por formas de pensamento que o progressismo tendia a apresentar como “passadas” e ultrapassadas, quer se tratasse de tradições não-ocidentais ou de religiões, entre as quais o cristianismo, em relação às quais se vê bem que elas ainda suscitam imensas adesões e que elas fornecem recursos de sentido, de interpretação e de orientação no mundo, em particular no plano ético.

A modernidade não esgotou suas promessas

Entretanto, eu não compartilho da idéia, correntemente avançada, que a modernidade teria esgotado suas promessas e que, na situação “pós-moderna” em que nós viveríamos, os únicos recursos de sentido disponíveis seriam aqueles fornecidos pelas religiões,

notadamente pelo cristianismo. A modernidade não me parece intrinsecamente “niilista”, ela tem recursos internos de sentido e de contestação das dominações que ela engendra, embora exista um risco de niilismo e de cinismo remanescentes nas condições criadas pela economia industrial capitalista mundial. Max Weber falava do capitalismo como da “dominação mundial da não-fraternidade”, e ele via nisto um fruto incognoscível do calvinismo puritano, em oposição completa com a ética original da fraternidade evangélica e sua orientação “antieconômica” inicial. Parece-me que o cristianismo pode e deve continuar a fazer escutar a voz obstinada, “desatualizada”, desta ética da fraternidade e de sua oposição à exaltação do único “sucesso” do “poder” econômico (ou de outro poder), e pode e deve sempre pleitear pelos “últimos”, esquecidos ou vítimas de uma forma de modernidade que tende a glorificar unicamente o sucesso material.

IHU On-Line- Quais são os principais problemas e controvérsias da querela da secularização?

Jean-Claude Monod - O livro ao qual você faz alusão, *A querela da secularização*¹⁰, que saiu nas edições Vrin, na coleção “Problemas e controvérsias”, trata, de fato, amplamente da questão colocada logo abaixo, sobre as relações entre cristianismo e modernidade, em particular aqueles que foram abordados pela filosofia alemã, de Hegel a Blumenberg, passando por Marx, Nietzsche, Max Weber, Karl Löwith¹¹ ou

¹⁰ O livro, no original francês, tem o título : *La querelle de la sécularisation. De Hegel a Blumenberg*. Paris : 2002. (Nota do *IHU On-Line*)

¹¹ **Karl Löwith** (1897-1973): Karl Löwith nasceu em Munique e foi um filósofo alemão-judeu e estudante da Heidelberg. Deixou a Alemanha durante o nazismo e retornou em 1952 como professor da filosofia da Heidelberg. (Nota da *IHU On-Line*)

Carl Schmitt¹². A “querela” conduz para a questão de saber se é possível estimar que os tempos modernos são uma época de ruptura com o cristianismo, ou se eles operam antes uma retomada e uma transformação dos esquemas, dos ideais, dos valores, dos conceitos cristãos. Podem se discernir dali duas grandes interpretações da secularização: uma, que nela vê uma ruptura com a religião e uma refundação da sociedade sobre uma base racional e secular, e cujo horizonte pode ser uma sociedade inteiramente pós-religiosa, uma secularização “total”; a outra, que concebe a secularização como um movimento de “transferência”, de transformação, no qual o cristianismo (mas também o judaísmo, por vezes, a Gnose) continuam determinando secretamente nossas maneiras de pensar e de ver o mundo, o tempo, a história, etc., mesmo quando nós nos cremos e nós nos queremos inteiramente “secularizados”. Eu propus que se nomeasse a primeira visão de secularização-liquidação, e a segunda de secularização-transferência. Cada interpretação levanta problemas complexos, cada uma comporta seus riscos; em síntese, a secularização-liquidação corre o risco de desconhecer heranças, de sucumbir a um mito de “começo absoluto” da modernidade, ou da “autofundação” a partir do nada; a secularização-transferência tende a desconhecer as rupturas, a dar lugar ao que Blumenberg chama de um “substancialismo histórico”, acabando na negação de toda novidade. No plano prático e político, cada visão tem também seus riscos: a secularização-liquidação pode ir até a vontade de destruição autoritária da crença religiosa, até a liquidação de todos os valores de

¹² Carl Schmitt (1888-1985): controverso intelectual católico alemão e teórico da ideologia nazista. (Nota da *IHU On-Line*)

“proveniência” cristã, como o cuidado dos fracos, a igualdade reconhecida entre todos os homens...; inversamente, a secularização-transferência pode produzir uma percepção radicalmente antimoderna e antiliberal da história, que acaba por diabolizar tudo o que afasta os tempos modernos de uma sociedade unificada sob uma Igreja.

IHU On-Line- O senhor escreveu um artigo com o título *Destino do paulinismo político: Barth, Schmitt e Taubes*, publicado na revista *Esprit*, em fevereiro de 2003. Como descreve aí o paulinismo político?

Jean-Claude Monod - Este artigo tomava em consideração interpretações particulares de Paulo: interpretações “em crise”, provenientes de intelectuais de língua alemã, respectivamente protestante, católica e judaica. “Paulinismo político” era o nome de um problema, de um paradoxo, antes do que de uma “linha” política inencontrável: como se pode deduzir um pensamento político, ou uma “teologia política”, de um pensamento também voltado resolutamente para o acontecimento salvífico e que também se afasta ostensivamente da esfera política (é verdade, é preciso pagar o imposto, obedecer etc., mas, *precisamente por que isso não tem nenhuma importância*)? O paulinismo político seria um modo de situar o político sob tensão escatológica, seja relativizando-lhe o sentido (como Karl Barth), seja correndo o risco de absolutizá-lo (como Carl Schmitt), seja desfrutando do efeito revolucionário da escatologia, para dotar o discurso de uma “urgência” que lhe permita subverter todas as categorias consensuais, a paz da ordem, do Nomos [normal] instituído (como é a tentativa de Jacob Taubes).

Novos *paulinismos* políticos

Mais recentemente, viram-se aparecer novas interpretações de Paulo e, caso se queira, de novos “paulinismos políticos”: na França, Alain Badiou insiste na fundação do universal com base num conteúdo incrível (a “fábula” da ressurreição, mas levada por uma “fidelidade ao evento”, que implique que ele valha “para todos”, segundo uma espécie de “teorema do militante”. Esta interpretação, provocante também porque ela emana de um filósofo que se diz sempre “maoísta” (!), tem sido contestada na medida em que ela parece valorizar sobretudo o gesto pelo qual são Paulo “escapa à empresa comunitária”, e, em primeiro lugar, ao judaísmo (e se faz acompanhar, além disso, de uma visão muito negativa de toda afirmação judaica nacional – mas isso nos envolve em outros debates políticos, por vezes na retaguarda das releituras contemporâneas de Paul). Giorgio Agamben opôs a isso (na sua própria leitura de Paulo¹³ uma visão do universal, não como abolição das diferenças, porém como o que impede as identidades de coincidir inteiramente com elas mesmas, cada “parte” não podendo ser tomada pelo “todo”, nem por “todos”, quando o “todos” enquadra o discurso de Paulo – todos pecadores em Adão, todos resgatados no Cristo.

Não há, por conseguinte, “um” paulinismo político, mas diferentes grandes tipos de atitudes que podem ser encontradas e que realçam formas de paulinismo político: uma submissão destacada ao político, que se considera, todavia, como sendo “o mal”, um sentimento de urgência que arruina toda percepção “confiante” e

¹³ Trata-se do livro de Giorgio Agamben. *Il tempo che resta. Un commento alla Lettera ai Romani*. Torino :Bollati Boringhieri, 2000. Para conhecer mais sobre Agamben conferir a revista *IHU On-Line* edição 164. (Nota da *IHU On-Line*)

progressista do tempo e da História, em proveito de um evento decisivo que pode ocorrer a cada instante, uma afirmação de universalidade que desencadeia o “todo” das condições particulares que são feitas a cada um no mundo.

A crise do Cristianismo e da Modernidade

Entrevista com Rémi Brague

De acordo com o filósofo e historiador francês Rémi Brague, “vários dos grandes *slogans* do projeto moderno vêm de São Paulo”. Em sua opinião, “o papel do cristianismo e dos cristãos nos próximos anos é simplesmente fazer de modo *que haja* próximos anos. O que será seu conteúdo é preciso deixá-lo à liberdade daqueles que nos sucederão – supondo, bem entendido, que eles existam!” A afirmação foi feita em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.



Brague leciona na Universidade Paris I, Sorbonne, na França. É autor de; *Europe, la voie romaine*, Paris, Critérion:1992 e *A Sabedoria do Mundo*. Lisboa: Edições Piaget, 2002, entre outros. No ano passado publicou o livro *La Loi de Dieu. Histoire philosophique d'une alliance*. Paris: Gallimard, 2005.

IHU On-Line - Que características poderia assinalar na recepção que São Paulo teve no Ocidente e no Oriente? A que se devem estas diferenças?

Rémi Brague - Habitualmente, “Oriente” pode querer dizer três coisas: (a) o Extremo-Oriente, por oposição ao espaço coberto pelo cristianismo e pelo islamismo; (b) o Islã, por oposição à cristandade, e (c) o cristianismo grego, ortodoxo, por oposição ao cristianismo latino, católico. Em sua questão, eu suponho que queira falar do que distingue o cristianismo do Islã.

Ora, a figura de São Paulo é interessante porque ela não é recebida no Islã. Como se sabe, o Alcorão contém o nome das principais figuras da Bíblia, de Adão a Jesus, passando por Noé, Abraão, Moisés e outros. No islamismo posterior, certos místicos deram a Jesus um papel

importante de intercessor. Por sua vez, o Islã se apercebeu muito rapidamente que sua mensagem era incompatível com aquela do Antigo e do Novo Testamento. Ele supõe, com efeito, que o conteúdo da Antiga e da Nova Aliança deve ser, não como na primeira, uma história da salvação, ou, como na segunda, uma pessoa, a qual, aliás, concentra esta história em si, mas antes um livro análogo ao Alcorão. Ele supôs, então, que o texto da revelação feita a Moisés (a Tora) e a Jesus (o Evangelho – no singular) havia sido negociado por aqueles a quem ele havia sido confiado, os judeus para a Tora, os cristãos para o Evangelho. E, é aqui que vamos encontrar Paulo, mas, desta vez no papel de “traidor”.

Paulo, traidor?

Para certos autores muçulmanos, com efeito, é Paulo quem teria corrompido a mensagem confiada a Jesus. Esta idéia trai, talvez, uma influência sobre o Islã nascendo de certos meios judaico-cristãos. Em todo o caso, ela existe até nossos dias, por exemplo, em algumas passagens alucinantes do tratado, no entanto pretendidamente “moderno”, de teologia islâmica de H. Boubakeur¹⁴ (Paris, 1985).

IHU On-Line - Que relações diretas poderia haver entre cristianismo e modernidade e qual seria o lugar do pensamento paulino nessas relações?

Rémi Brague - É preciso distinguir entre a época moderna como período da história e o projeto moderno. A época moderna trouxe bens consideráveis. Ela realizou a unidade do mundo com as grandes descobertas. Ela aumentou os nossos conhecimentos em todos os domínios do saber. Ela permitiu a passagem dos regimes políticos de autoridade a formas em que a soberania vem do povo.

O que eu chamo aqui de projeto moderno consiste em querer se destacar do passado histórico (nomeado, para a ocasião, de Idade Média), e depois, de todo o condicionamento natural, tomando o controle da natureza, enfim, de toda relação com uma transcendência, rejeitando Deus.

Curiosamente, vários dos grandes *slogans* do projeto moderno vêm de São Paulo. Em primeiro lugar, a idéia segundo a qual a humanidade chegou à idade adulta e deve, então, se emancipar do que a guiava até então, de seus “preceptores” (Gálatas, 3, 25; 4, 2-3); em seguida, a idéia de uma autonomia do homem (Romanos, 2, 14); enfim, a idéia de uma tensão constante para o futuro (*epektasis*) que obriga a

¹⁴ **Hamza Boubakeur**: um dos maiores teólogos islâmicos do século XX. Publicou o livro *Traite Moderne De Theologie Islamique*, 2003. (Nota do *IHU On-Line*)

esquecer o passado (Filipenses, 3, 13), na qual se pode reconhecer uma prefiguração da idéia de progresso.

Universalidade: anunciar ao mundo inteiro

Além disso, além das doutrinas de São Paulo, há sua atitude fundamental, que consiste em anunciar a mensagem ao mundo inteiro. A modernidade retomou este programa sob a forma da propaganda. As Luzes radicais, rompendo com a tradição elitista dos filósofos antigos, supõem que é sempre bom dizer toda a verdade a todo o mundo. A missão cristã devia anunciar a boa nova da Ressurreição do Cristo e da remissão dos pecados. Ela se tornou o dever de vulgarizar a ciência; a tarefa de propagar a fé se tornou a propaganda. De onde a palavra de Diderot¹⁵: “Apresemos-nos em tornar a filosofia popular”. As outras palavras-chave de Paulo foram também retomadas pelo projeto moderno, mas, uma vez cortadas de sua origem, elas só podem se perverter.

IHU On-Line - De que modo os valores paulinos de liberdade e universalidade foram sendo apropriados pela modernidade?

Rémi Brague - Esta apropriação se fez de maneira perversa. É o primeiro passo consiste, talvez, em considerar a liberdade e a universalidade como “valores”. Para Paulo, elas não são valores. Elas são *fatos*. Mais precisamente, elas são o resultado de uma ação de Deus. É Deus que liberta seu

¹⁵ **Denis Diderot** (1713-1784): filósofo e escritor francês. A primeira peça importante da sua carreira literária é *Lettres sur les aveugles à l'usage de ceux qui voient*, em que resume a evolução do seu pensamento desde o deísmo até ao cepticismo e o materialismo ateu, o que o leva à prisão. Mas a obra da sua vida é a edição da *Encyclopédie* (1750-1772), que leva a cabo com empenho e entusiasmo apesar de alguma oposição da Igreja Católica e dos poderes estabelecidos. (Nota da *IHU On-Line*)

povo. Ele o fizera uma primeira vez, libertando Israel do Egito, da escravidão. É, aliás, assim que o Deus bíblico se faz conhecer como aquele que ele é, quando ele se apresenta, no início do Decálogo (Êxodo, 20). Para Paulo, há uma segunda libertação, definitiva esta, que se cumpriu no Cristo: “o Cristo nos livrou para a liberdade” (Gálatas, 5, 1). O que nós chamamos de universalidade, é o fato de que Deus, Criador de todas as coisas e de todos os homens, não faz diferença entre homem e mulher, patrão e escravo, judeu e não-judeu (Paulo diz: “grego”) (Gálatas, 3, 28). É o que Paulo chama de o mistério do desígnio divino, de englobar também os não-judeus em seu plano de salvação. A autonomia consiste, para Paulo, em que o homem é capaz de *descobrir* por si mesmo, se ele escutar sua consciência que é nele a voz de Deus, o que é bom para ele. Isso não quer dizer que o homem pudesse decretar ele mesmo o que é o Bem ou o Mal e se imaginar “criar” os “valores”. Isso também não quer dizer que o homem seria capaz, por suas próprias forças, de *fazer* o que é bom para ele. Ao contrário, a constatação da qual parte Paulo é, antes, que nós podemos muito bem *saber* o que nós deveríamos fazer, mas que nós não *chegamos* totalmente sós a fazê-lo (Romanos, 7, 15-21). Por certo, Paulo é a fonte última da fórmula que tanto chocou em Dostoiévski¹⁶: “tudo é permitido”. Mas, ele acrescenta: “mas nem tudo é construtivo” (I Coríntios, 6, 12). Isso quer dizer: o bem não é bem porque ele é exigido, o mal não é mal porque ele é interdito. É o contrário: Deus exige o bem porque o mesmo constrói o homem: ele interdita o mal porque o mesmo destrói o homem. Deus nada mais quer

¹⁶ Flódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. (Nota da *IHU On-Line*)

do que o bem do homem, porque Ele o ama. E, da mesma forma, quando nós “obedecemos” ao que Ele “exige”, o que nós fazemos, em realidade, é permitir ao amor de Deus, que quer nosso bem, de obter seu resultado.

***IHU On-Line* - Com a crise da modernidade, entra em crise o cristianismo? Qual é e pode ser seu papel nos próximos anos?**

Rémi Brague - Eu aprecio que você comece sublinhando o fato de que a modernidade está também ela em crise. Não seria correto imaginar que o cristianismo estaria enfermo no meio de um mundo em plena saúde. Eu me pergunto, por vezes, se, em longo prazo, não seria o inverso. O mundo moderno é uma experiência, um arriscar, uma aventura. É na Europa que a experiência foi tentada pela primeira vez, e é lá que ela foi impelida para mais longe. Ora, estranhamente, a modernidade jamais concebeu que a experiência pudesse fracassar. Ela ainda acreditava numa espécie de providência secularizada.

É preciso ter a coragem de colocar a questão: e se a experiência fracassara? A Europa está doente, e sua doença corre alto risco de ser mortal. Nós temos um sinal do qual quase ninguém fala, mas que, no entanto, é inequívoco: nenhum dos países que a compõem é capaz de renovar sua população. Todos precisam importar de fora. Como os grandes enfermos, a Europa vive sua perfusão. O problema não é a língua ou a “raça” daqueles que chegam. O verdadeiro problema é, ao contrário, o modo de vida daqueles que já estão lá. O modo de vida europeu talvez seja agradável. Ele o é, sem dúvida, para alguns, os mais fortes, os mais ricos, os mais instruídos. Veja nossas jovens elites: elas se agitam, viajam, mudam de parceiro, criam toda espécie de riquezas, mesmo as mais nobres, sociais ou culturais. Mas, sobretudo, nada de

filhos, que os pregam no chão, que os ligam a um cônjuge, que lhes custam tempo e dinheiro. Em último caso, compraremos um na Ásia, quando tivermos 50 anos. Este modo de vida tem apenas um inconveniente: ele leva ao desaparecimento os povos que o adotam.

O papel do cristianismo

Os cristãos vivem no mesmo mundo que os outros. Eles aí encontram os mesmos problemas. Eles procuram resolvê-los por processos técnicos, econômicos, políticos, etc., dos quais nem a origem, nem a eficácia são dadas por Deus. Sua fé não os ajuda diretamente a encontrar as boas soluções. Em troca, ela lhes dá uma certeza fundamental: a vida é a criação de um Deus bom; ela é, pois, boa em seu fundo, é bom transmiti-la, é bom defendê-la, é bom expandi-la, procurando justamente encontrar as boas soluções aos nossos problemas. Sem esta convicção, procurar-se-á, pelo menos reduzir as fricções entre os homens que já estão a caminho. Isso já não está mal, mas isso não permite continuar a chamar à vida aqueles que ainda não nasceram.

O cristianismo diz que a vida é boa, porque ela tem um *futuro*, porque ela não se acaba com a morte, mas desemboca na alegria eterna em Deus, pois, caso contrário, por que chamar um ente à vida, se isso é também condená-lo à morte, se “a vida é um negócio que não cobre os seus custos” (Schopenhauer¹⁷)? Um ateu verdadeiramente conseqüente, que iria até o fim de seu ateísmo, e que seria pai de família, é um criminoso. Então, o papel do cristianismo e dos cristãos nos próximos anos é simplesmente fazer de modo *que haja* próximos anos. O que será seu

¹⁷ **Arthur Schopenhauer** (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paraliponema* (1815) seja o mais conhecido. Schopenhauer ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da *IHU On-Line*)

conteúdo é preciso deixá-lo à liberdade daqueles que nos sucederão – supondo, bem entendido, que eles existam!

***IHU On-Line* - De que modo a filosofia procurou ou procura uma síntese entre cristianismo e modernidade? Seria Levinas quem melhor conseguiu fazer essa leitura?**

Rémi Brague - Eu estou um pouco surpreso ao ver a influência de Levinas¹⁸ sobre os cristãos de hoje. E mais ainda ao ver que ela é bem menor com os judeus. Levinas não é delicado com o cristianismo. Ele pensava ser um filósofo puro e, enquanto tal, ele disse coisas muito profundas. Mas, são os cristãos tão pobres em pensamento que eles devam tomar emprestado de outro lugar? Teriam eles esgotado Agostinho¹⁹, Tomás de Aquino²⁰, João da Cruz²¹, Pascal²², Newman²³ etc.?

¹⁸ **Emmanuel Levinas**: filósofo e comentador talmúdico, nasceu em 1906, na Lituânia e faleceu em 1995, na França. Desde 1930, era naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger cuja obra *Ser e tempo*, de 1927, o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza o pensamento de Levinas. Ele é autor *Totalité et infini. Essai sur l'extériorité*, livro que o consagrou e que foi traduzido para o português com o título *Totalidade e Infinito*, Lisboa: Edições 70, 2000. No Brasil, a Editora Perspectiva publicou *Quatro leituras talmúdicas*, em 2003 e a Editora Vozes, De Deus que vem a idéia, em 2002. (Nota da *IHU On-Line*).

¹⁹ **Agostinho** (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁰ **Tomás de Aquino** (1227-1274): frade dominicano e teólogo. Um de seus maiores méritos foi introduzir o aristotelismo na escolástica anterior. A partir de São Tomás, a Igreja tem uma teologia (fundada na revelação) e uma filosofia (baseada no exercício da razão humana) que se fundem numa síntese definitiva: fé e razão. Nascido numa família nobre, estudou filosofia em Nápoles e depois foi para Paris, onde se dedicou ao ensino e ao estudo de questões filosóficas e teológicas. Sua obra mais famosa e

Dito isso, o problema é verdadeiramente o de realizar a síntese entre cristianismo e modernidade? Pôr o problema desta maneira supõe que os dois são exteriores um ao outro. Ora, o cristianismo é também um fator decisivo de modernização. Eu falei mais acima dos benefícios trazidos pelos Tempos Modernos. Ora, esses bens vieram em grande parte da herança bíblica, judaica e cristã; e eles foram realizados concretamente com mais freqüência por cristãos. Eu já falei da universalidade. As grandes descobertas são resultados de cristãos, e ademais de católicos, da América do Sul às Filipinas. A ciência matematizada da natureza foi tornada possível pela desmitificação da natureza, realizada pelos profetas do Antigo Testamento.

Democracia e Evangelho

O que distingue nossas democracias modernas da democracia grega, que era, de fato, um clube de machos possuindo escravos, é a idéia da igual dignidade de todo ser humano. É a idéia do valor divino da consciência de cada homem, no sentido do provérbio: *vox populi, vox Dei*. Por causa disso, o filósofo francês H. Bergson²⁴ (em 1941), que também era

importante é a *Suma Teológica*. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ **João da Cruz** (1542-1591): doutor em teologia mística e fundador das Carmelitas Descalças (com Santa Teresa de Ávila). (Nota da *IHU On-Line*)

²² **Blaise Pascal** (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês de curta existência, que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores. (Nota da *IHU On-Line*)

²³ **John Henry Newman** (1801 - 1890): Ministro anglicano inglês, convertido ao catolicismo foi posteriormente nomeado cardeal. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁴ **Henri Bergson**: filósofo e escritor francês (1859-1941). A sua filosofia está em estreita relação com o positivismo do século XIX e com o espiritualismo

judeu, escrevia: “a democracia é de essência evangélica”. Quanto ao que chamei de projeto moderno, o de um humanismo ateu, ele é incompatível com o cristianismo. Mas, é preciso ver o que o cristianismo lhe incrimina. Não é o fato de se opor a ele. Da mesma forma como Deus não procura seu próprio interesse, o cristianismo não é seu próprio fim. O que ele incrimina ao projeto moderno é de ele destruir em longo prazo a humanidade do ser humano, ou seja, de destruir o homem. É de privar o homem do que o torna humano, ou mesmo privá-lo simplesmente da vida.

***IHU On-Line* - Quais são as derivações do pensamento paulino que mais poderiam nos interessar no cenário político atual?**

Rémi Brague - O ensinamento de Paulo em matéria política é bastante simples. Ele permanece, de fato, atual: é preciso que a sociedade seja organizada e que aqueles que necessitam ser protegidos, o sejam; o poder do Estado é, pois, em si, um bem. Mas, ele não está acima das regras morais. As guerras atuais, sejam elas ruidosas como no Iraque, no Afeganistão, ou silenciosas como no Sudão, nas Filipinas, etc., opõem elas realmente o Oriente e o Ocidente? Quando Samuel Huntington²⁵ falou de um *O choque de civilizações e a*

francês, com os quais tenta elaborar uma original simbiose. Definitivamente, o que busca é uma superação do positivismo. Num clima positivista, de aparecimento da crítica científica, de polêmica espiritualista, de neokantismo, tudo isso condicionado pelo auge da ciência, Bergson aborda o problema da relação sistemática do conhecimento científico e a metafísica. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ **Samuel Phillips Huntington** (1927): cientista político, conhecido pela análise do relacionamento entre os militares e o governo civil, além da tese de que os atores políticos centrais do século XXI serão as civilizações, ao invés dos estados-nação. (Nota da *IHU On-Line*)

*recomposição da ordem mundial*⁶, interpretou-se a palavra choque significando, não um embate repentino e direto, porém um conflito. E a gente se apressou em lhe negar a realidade. Há algo de verdadeiro nesta atitude prudente. É preciso também pôr um certo número de questões ao Ocidente: sua influência, seu poder, não podem eles ser percebidos pelos povos que lhe são exteriores como uma agressão, por vezes discreta, mas sempre pesada? E o modelo que vocês propõem ao resto do mundo é atrativo? É capaz de fazer viver?

O mundo islâmico

Mas, há também questões a ser postas ao Islã. E, em primeiro lugar: a paz, como também a guerra, é um jogo que se joga a dois. Ora, segundo a dogmática islâmica tradicional, o mundo está dividido em dois “domínios”, o “domínio da paz”, na qual o Islã está no poder, e o “domínio da guerra”, onde ele ainda não o está. O que se chama de “Ocidente” faz parte deste domínio, como também a China, as Índias etc. É assim que os “islamitas” vêem o mundo ainda hoje em dia. Se os muçulmanos rejeitarem claramente esta maneira de ver, a paz será possível. Se não, mesmo se o Ocidente fosse um dia perfeito (pode-se sonhar), o Islã permaneceria em guerra com ele.

IHU On-Line - Qual deve ser o lugar da Europa no cenário contemporâneo? E nela, que papel deveria desempenhar o cristianismo? Quais as mudanças pelas quais ambos devem passar?

Rémi Brague - Vocês sabem que eu escrevi, faz mais de dez anos, um livro que se chama *Europa, la via romana*. Madrid : Gredos, 1995 no qual eu procuro caracterizar a essência da cultura européia como fonte da civilização ocidental. Eu

⁶ *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Schuster, 1996. (Nota da *IHU On-Line*)

apresento um certo número de conceitos que ajudam a pensar sua singularidade, para não dizer sua bizarrice. Eu não falei do que agora se chama com certa facilidade de União Européia. A Europa como cultura nada pode fazer, ela não é um sujeito político. A União Européia, esta sim, poderia fazer alguma coisa. Ainda seria preciso que ela o quisesse e que ela se desse os meios de exercer uma influência. Esta é uma questão para os politólogos, e, portanto, fora da minha competência. Eu me pergunto, aliás, se a primeira questão a colocar é realmente o que a Europa deve *fazer*. Antes de “fazer” o que quer que seja, seria preciso desde já que a Europa queira *ser* ela mesma. E é aí que a Europa como cultura pode exercer uma função. E é também aí que o cristianismo tem algo a dizer. No meu livro, eu procuro mostrar que não é um dos conteúdos da cultura européia que se poderia opor a outros elementos (pagão, celta, germânico etc.). Para mim, o cristianismo é, antes, a *forma* desta. Esta forma marca a maneira muito particular pela qual a Europa se relaciona com o que lhe é anterior (a Antigüidade greco-latina), mas também com o que lhe é exterior (as outras civilizações), que tem algo a lhe ensinar. É o que eu chamo de a “secundariedade”: a Europa sente que ela vem *após* a Grécia e *após* Israel, que são seus verdadeiros fundamentos.

Reencontrar a “via romana”

O que eu almejo dos europeus? Que eles deixem de ser surdos. Os três principais “outros”, aos quais eles pensam, sobretudo neste momento, têm cada um algo a lhe dizer. Os Estados Unidos lhe dizem: “não creiais que vós não tendes inimigos”; a China lhes diz: “não creiais que vós haveis de viver sem trabalhar”; o Islã lhes diz: “não creiais que vós continuareis a existir, se vós não tendes filhos”. Os europeus lhes respondem com muita freqüência: “vós sois, uns, *cowboys*, os outros, formigas, os

outros, fanáticos; nós temos razão, nós somos os mais belos, nós somos os mais gentis, nós não temos nada a aprender de vós, portanto, calai-vos!” Romper com esta atitude imbecil, seria reencontrar o que eu chamo de a “via romana”.

De seu lado, os cristãos devem tornar-se melhores, isto é, mais caridosos, mas também mais inteligentes. Esta é uma tarefa que, aliás, nada tem de novo: ela é

velha de dois mil anos. Ela quer dizer: tornar-se mais cristão, compreender melhor no que implica a fé em Cristo, apropriar-se melhor de seu próprio cristianismo. Além disso, não me parece que o cristianismo como tal tenha que mudar, pois o que se chama de o cristianismo não é uma doutrina, uma “mensagem” ou como se quiser dizê-lo. Ele é uma pessoa, infinita, inesgotável.

A utopia política de Paulo

Entrevista com Hartwig Bischof



“Paulo é o elo de ligação para todos aqueles que não interpretam Jesus a partir de sua própria tradição, ou seja, da judaica, mas provêm de outras raízes culturais”, afirma Hartwig Bischof, professor na Escola Superior de Liechtenstein. Bischof é doutor em teologia pela Universidade de Graz, com a tese *Ein Revolutionär und Traditionalist. Eine theologische Biographie Von Marie-Alain Couturier OP*. Possui título de mestre em

Teologia, Filosofia e Artes. É gerente cultural do Centro Internacional para Cultura e Gerenciamento, de Salzburgo, e da Universidade de Economia de Linz e também membro da Sociedade Vienense para Filosofia intercultural. Bischof concedeu a entrevista que segue por e-mail à redação da revista *IHU On-Line*.

IHU On-Line - Qual é a importância da figura e do pensamento paulino nos inícios do cristianismo?

Hartwig Bischof - O Novo Testamento fala-nos, grosso modo, em duas formas lingüísticas. Primeiro, numa forma antes narrativa, como nos Evangelhos, nos Atos dos Apóstolos e no Apocalipse de João. Mas, ao lado desta, também numa forma antes discursiva, como literatura epistolar. O interessante é que esta segunda forma

foi temporalmente anterior e, naturalmente Paulo é o grão mestre desta forma. Assim, ele é o maior parteiro daquilo que mais tarde se designará como teologia. Em oposição aos demais apóstolos, que puderam ter como ponto de partida o Jesus terrestre, a Paulo somente o Jesus celeste se dá a conhecer: com isto, Paulo, na primeira hora do cristianismo, já se encontra na situação de todas as gerações subseqüentes, como ponto de partida essencial para nós hoje.

Paulo também é o elo de ligação para todos aqueles que não interpretam Jesus com base em sua própria tradição, ou seja, na judaica, mas provém de outras raízes culturais. Simultaneamente, contudo, Paulo também intermedeia a missão de conhecer não apenas a própria tradição, mas, pelo menos em princípio, poder pensar conjuntamente a base judaica das palavras e ações de Jesus.

IHU On-Line - Como poderia ser caracterizado o legado teológico, filosófico e político de Paulo?

Hartwig Bischof - Talvez se possa caracterizar Paulo como alguém que, constantemente e sempre de novo colocou um início, sem que, com isso, tivesse permanecido como um principiante. Ele vivencia Deus como alguém que simplesmente irrompe em sua vida (vivência de Damasco); sua vida se biparte, no Saulo e no Paulo. Mas, a ruptura em sua vida também irrompe na história, seu testemunho lhe permite um livre trânsito com o tempo e o mundo. A fé na morte e ressurreição de Jesus é promessa de uma salvação múltipla: como ato político, ela põe ante os olhos a provisoriidade do poder temporal (como conceito negativo), mas também da autoridade temporal (como conceito positivo, no sentido de um esforço de tornar o mundo mais humano). A salvação brota de um escândalo, de um disparate; assim, segundo Badiou, Paulo deve ser designado como antifilósofo, ele argumenta com loucura, escândalo e fraqueza. Paulo, porém, “argumenta”, não fala simplesmente coisas sem nexos, ele se esforça por uma terminologia helenística para poder ser entendido. Entretanto, a profissão de fé o conduz também ao individual, a uma interrupção, também aqui ocorre um constante recomeço. Paulo sabe, por experiência própria, que Deus é incalculável, no sentido em que hoje nós

“calculamos” (ou computamos) o mundo; por isso ele se dispõe a uma transformação da Lei, que novamente culmina numa profissão de fé. A profissão de fé forma um ancoradouro que, no entanto, não conduz a nenhuma solução dialética. Paulo vê em Jesus a lei universal, ele é uma Lei situada além da lei escrita, é resultado de uma relação pessoal, uma relação de amor. Naturalmente transparece aí, em Paulo, que experimentou tantas rupturas em sua vida, uma certa saudade por harmonia; porém aqui não se pode esquecer que – para permanecer no jogo de palavras helenístico – a *harmonia*, como irmã de Marte e Vênus, sempre precisa ser simultaneamente dura e branda.

IHU On-Line - O que destacaria das diversas cartas de Paulo? Que conceitos-chave constituiriam o pensamento paulino?

Hartwig Bischof - Das cartas não se pode destacar nada, embora saibamos hoje, pelo menos em algumas passagens, que elas não provêm de Paulo. Nós devemos esforçar-nos em favor da consciência de que a coisa de fato se desenrola assim, mas isso também demonstra uma força dos escritos bíblicos, no sentido de que eles não caíram simplesmente desta forma do céu, porém foram redigidas por “homens inspirados”. Assim, também podemos considerar Paulo um filho de seu tempo, e a tarefa de continuar escrevendo o texto com o leitor, já está radicalmente presente e não é nenhuma correção posterior do curso. “Cada texto é um tecido, que simultaneamente descobre e cobre” (Sarah Kofmann). Assim, permanece para nós a tarefa de estudar, num ato de fidelidade ao texto, o que se descobre, mas, de outra parte também significa avaliar de uma nova maneira o encoberto. Se simplesmente riscássemos algumas partes, porque elas não nos servem ou porque elas realmente só

tinham validade para uma situação outrora concreta, nós nos privaríamos dos acenos que, em sentido próprio, tanto mais estimulam nossa leitura. Vale, também aqui, que nem tudo se deixa harmonizar facilmente ou reunir numa dialética barata. O escândalo permanece.

IHU On-Line - Como definiria a espiritualidade paulina? Como está no cristianismo de hoje presente ou ausente essa espiritualidade?

Hartwig Bischof - Do modo como Paulo se apresenta em suas cartas, ele certamente foi um esforçado contemporâneo: radical, conseqüente, munido de uma incrível capacidade de resistência. Apesar disso, ou precisamente por isso, ele nunca decai para a dureza de coração ou a obstinação. Sua profissão de fé na lei da viva relação de amor com Deus também lhe permitiu utopias políticas, que até hoje não encontraram nenhuma localização adequada. A combinação de uma sólida formação com um envolvimento combativo pelos interesses da fé e uma profundidade espiritual era, e é bastante difícil de ser encontrada. Hoje em dia, sobressai freqüentemente o discurso nivelador com a cultura secularizada e a assim chamada esperteza e diplomacia política se impõem como doce tibieza, contra a qual, no entanto, combate o Evangelho. Aí Paulo certamente tem preparados para nós alguns impulsos. O cristianismo, na continuidade da tradição judaica, auxiliou o indivíduo nos seus direitos como pessoa. Seja o que for que, além disso, ainda se quisesse subsumir sob o conceito da modernidade, esta valorização de cada indivíduo me parece ser sempre central. De maneira paradoxal, todavia, o próprio cristianismo teve dificuldades com isso. Finalmente, estes valores, que só foram conquistados politicamente na Europa no decurso do Iluminismo, foram

implantados à revelia do cristianismo institucionalizado como Igreja. Pode-se, pois, dizer tranqüilamente que o cristianismo foi esclarecido de fora sobre seus próprios valores. Aqui transparece, por exemplo, uma passagem frágil em Paulo: “Se tu foste chamado como escravo, isso não te deve oprimir; mesmo que tu possas tornar-te livre, prefere continuar vivendo como escravo” (I Cor 7, 21). O que aqui foi proposto como regra interina para um tempo ainda bem curto, não pode pretender nenhuma validade universal. E, se cristãos podiam reverter isso, sob relações feudais, para a legitimidade da servidão, resulta que os impulsos iluministas ajudaram aqui os cristãos, a partir de fora, para continuarem a escrever os seus textos. Como, aliás, já o fizera Paulo: “Mas, porque vós sois filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai! Portanto, tu não és mais escravo, porém filho” (Gal 4, 6-7).

IHU On-Line - Qual tem sido a crise fundamental do cristianismo nos últimos anos e qual é o seu lugar no século XXI?

Hartwig Bischof - A crise da modernidade é uma crise do cristianismo. Enquanto isso, o potencial de a modernidade se corrigir está ruindo. A modernidade, de maneira semelhante ao próprio cristianismo, reivindicou para si um *status* de validade universal, ela estava convencida de que sua regulamentação pode ser adotada. Na momentânea crise se dissolvem muitas evidências, pontos de convergência convencionais se cindem em sistemas semelhantes à Via Láctea: em princípio, recentemente só ocorre aqui o que cristãos já vivenciaram em suas mais ousadas experiências de Deus, a saber, de que este último ponto de convergência sempre é apenas o começo de um novo começo. Intermediadas pela crise da modernidade, as próprias regulamentações atingem até mesmo o cristianismo e o pulverizam novamente

num complexo entrelaçado. Entretanto, uma vez que esta crise não é um poder solucionador provindo de fora, porém apenas o “cumprimento” das próprias estruturas, vem ao caso dar-se conta desta chance. Talvez isto signifique agora, de maneira semelhante como em Paulo, viver por um tempo no “deserto”, para de novo ver mais claramente a própria Mensagem. Quando se observa a maneira pela qual um filósofo ateu como Alain Badiou lê os textos de Paulo, porque eles

lhe parecem importantes para seus próprios esforços de novamente fundamentar uma teoria do sujeito, e como Giorgio Agamben reassume o messianismo, para novamente transformar o ser humano de um número numa pessoa, ou como Slavoj Žižek, estimulado por idéias cristãs, introduz novamente a dimensão religiosa no discurso filosófico contemporâneo, é de se esperar que o cristianismo também continue sendo o sal da terra.

Nietzsche, Paulo e o Cristianismo

Entrevista com Emilio Brito

“Paulo colocou em primeiro plano a noção de culpabilidade e de pecado e uma nova fé: a crença numa metamorfose milagrosa. Inspirou-se no paganismo e tomou dele um elemento tão antijudeu como a crença na imortalidade. Realizou uma seleção totalmente arbitrária de certos aspectos da vida e da morte de Cristo (e ocultou os outros). Adaptou o cristianismo às religiões da massa inferior. Inicialmente, o cristianismo era uma espécie de movimento pacifista. Paulo o transformou numa doutrina de mistérios, capaz de entender-se com a organização do Estado. Essas são, grosso modo, as razões pelas quais Nietzsche pensa que Paulo perverteu a mensagem de Jesus”. A análise é do jesuíta cubano Emilio Brito, em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*. Autor do ensaio *Les motifs de la critique nietzschéenne du christianisme*, publicado na revista *Ephemerides Theologicae Lovanienses* (Volume 80, de Dezembro de 2004), da Universidade de Louvain-La-Neuve, na Bélgica, onde leciona, Brito pondera que, apesar de impressionante, as críticas de Nietzsche ao cristianismo não podem ser consideradas indubitáveis, mas podem auxiliar os cristãos a tornarem-se mais próximos de “uma visão mais pura de sua fé”.

É autor de, entre outros, *La Christologie de Hegel: Verbum Crucis*. Paris: Beauchesne, 1983, *Dieu et l'être d'après Thomas d'Aquin et Hegel*. Paris: PUF, 1991,

Filosofia della religione. Milano: Jaca book, 1993, *Heidegger et l'hymne du sacré*.
Leuven : Leuven University Press, Louvain-la-Neuve: Peeters, 1999, *Philosophie et
théologie dans l'œuvre de Schelling* (Philosophie et théologie). Paris, Cerf, 2000.

IHU On-Line - Poderia indicar as principais críticas de Nietzsche ao cristianismo?

Emilio Brito - Nietzsche opõe ao cristianismo quatro críticas principais: 1) o cristianismo de raiz paulina exalta tudo o que é vil; 2) o cristianismo de Jesus se mostra incapaz de resistir; 3) a consciência cristã do pecado é mórbida; 4) o ideal ascético que propõem os sacerdotes cristãos representa uma inversão de valores.

IHU On-Line - Em particular, como Nietzsche descreve o mecanismo psicológico do pecado no cristianismo?

Emilio Brito - Segundo Nietzsche, o cristianismo explora sistematicamente o sentimento de culpabilidade. Ele denuncia os teólogos que continuam a infestar a inocência do devir com a noção de “pecado”. Nietzsche se esforça em desmascarar a consciência cristã da falta. Para perpetuar-se, pensa Nietzsche, a Igreja tem criado mil artifícios, em particular a consciência pecaminosa. O “pecado” teria sido inventado, diz ele, para que o ser humano tenha necessidade a cada instante de acudir ao sacerdote. O sacerdócio reina graças à invenção do pecado. Mas esse reino, estima Nietzsche, torna impossível a cultura, a ciência, toda a nobreza humana. Nesse ponto, Nietzsche constata um contraste nítido entre a Igreja e Jesus. Segundo ele, as noções de falta e de castigo estão ausentes do “Evangelho”. A “Boa Nova” é a abolição do pecado, e de todo o sentimento de distância entre o homem e Deus. A imagem que Nietzsche propõe de Jesus é certamente discutível. Nietzsche estima que a noção de pecado

foi inventada para desorientar os instintos, para fazer da desconfiança diante do instinto uma espécie de “segunda natureza”.

Os moralistas cristãos consideram a saúde como uma doença, e tratam de substituí-la pela “salvação da alma”, que oscila entre as convulsões da penitência e a histeria da redenção. Eles veriam um obstáculo nas condições duma vida forte e transbordante. Por isso tratam de voltar ao homem inofensivo, humildemente prosternado. Esforçam-se em produzir o tipo de “pecador”.

Interiorização do instinto de crueldade

O mecanismo psicológico seria o seguinte. A gente tem sempre a tendência a sentir-se descontente de si mesmo. Facilmente pensamos que esse sentimento é consequência de suas faltas, de seus pecados. Quando se sente aliviado dessa angústia, o “pecador” conclui que Deus lhe perdoou os pecados. Para suscitar o sentimento de pecado, para fomentar contrições, observa Nietzsche, convém maltratar o corpo, colocando-o em estado enfermiço. A interiorização do instinto de crueldade e a consciência das faltas ajudam também a preparar o sentimento de culpabilidade. Mas este último, no sentido estrito, implica a relação à origem; é sentimento de uma dívida para com a divindade. Em si mesma a culpabilidade pode ser um sentimento “amorfo”. Mas a interpretação sacerdotal lhe dá “forma”, designando-o como “pecado”.

Para Nietzsche, ver nesse sentimento doloroso um efeito do pecado não é mais que uma interpretação falsa. A pessoa que sofre busca instintivamente uma

razão de seu sofrimento. O sacerdote ascético trata de convencê-la de que a "causa" de seu sofrer reside nas faltas que cometeu. A causa do mal está identificada assim com o "culpável" mesmo. O diagnóstico sacerdotal redobra a culpabilidade. Do seu jeito, o cristianismo dá sentido ao sofrimento, inculcando aos seres humanos que o sofrimento é um castigo e que pode ser redentor. Mas ao transformar o homem em "pecador", objeta Nietzsche, faz sua enfermidade piorar. Obviamente, o esforço de Nietzsche por substituir uma explicação - uma causa - por outra, não é invulnerável à crítica.

IHU On-Line - Por que Nietzsche acusa Paulo de ter pervertido a mensagem de Jesus?

Emilio Brito - Segundo Nietzsche, Paulo de Tarso compreendeu que, a partir do pequeno movimento sectário cristão²⁷, se podia ascender um incêndio universal. Paulo entendeu que, graças ao símbolo do "Deus crucificado", era possível reunir em uma força imensa todo o que havia sido oprimido. Paulo viu no cristianismo a fórmula que permitia superar e absorver todos os cultos "subterrâneos" da Antigüidade.

Paulo colocou em primeiro plano a noção de culpabilidade e de pecado, e

²⁷ Aqui o entrevistado refere-se aos essênios, grupo ou seita judaica ascética que teve existência desde mais ou menos o ano 150 a.C. até o ano de 70 d. C. Estavam relacionados com outros grupos religioso-políticos, como os zadoquitas. Durante o domínio da Dinastia Hasmônea, os essênios foram perseguidos. Retiraram-se para o deserto, vivendo em comunidade em estrito cumprimento da lei mosaica. Eram, portanto, um grupo de separatistas, a partir do qual alguns formaram uma comunidade monástica ascética que se isolou no deserto. Na Bíblia não há menção sobre eles. Sabemos a seu respeito por Josefo e por Filon de Alexandria (filósofo judeu). O historiador Flávio Josefo relata a divisão dos judeus do Segundo Templo em três grupos: saduceus, fariseus e essênios. (Nota da *IHU On-Line*)

uma nova fé: a crença numa metamorfose milagrosa. Inspirou-se no paganismo e tomou dele um elemento tão antijudeu como a crença na imortalidade. Realizou uma seleção totalmente arbitrária de certos aspectos da vida e da morte de Cristo (e ocultou os outros). Adaptou o cristianismo às religiões da massa inferior. Inicialmente, o cristianismo era uma espécie de movimento pacifista. Paulo o transformou numa doutrina de mistérios, capaz de entender-se com a organização do Estado. Essas são, grosso modo, as razões pelas quais Nietzsche pensa que Paulo perverteu a mensagem de Jesus.

IHU On-Line - Por que Nietzsche afirma que o Cristianismo de Paulo é uma radicalização do judaísmo? Em que sentido Nietzsche considera Paulo como o inventor do Cristianismo?

Emilio Brito - Segundo Nietzsche, o cristianismo só podia nascer sobre o terreno do judaísmo. O cristianismo não é um movimento de reação contra o instinto judeu, senão a última consequência da terrível lógica do judaísmo. Nietzsche considera o Cristianismo como uma repetição do instinto sacerdotal do judaísmo. A invenção do cristianismo deve muito ao gênio de Paulo, que se situa na tradição do sacerdócio judeu (ao mesmo tempo que a nega). Mais do que ninguém, Paulo ajudou a encontrar uma formulação paradoxal que aparentemente refuta o judaísmo e em realidade o confirma. Nietzsche estima que os primeiros discípulos não compreenderam o sentido que Jesus queria dar à sua morte. Tentaram, pois, se vingar do judaísmo, elaborando a doutrina do sacrifício do Filho. Paulo, em particular, substitui a boa nova de Jesus pela mensagem da cruz, que significa em definitivo a

vingança de Israel, a vitória do ideal judeu.

Para Nietzsche, nada é menos evangélico que o sacrifício de expiação, o bárbaro castigo do inocente pelos pecados dos culpáveis. Paulo tem pregado ao Redentor sobre “sua” cruz. Em Paulo, e em seu *Dysangelio*, se encarnaria assim o tipo oposto ao “mensageiro da boa nova”. O cristianismo de Paulo oferece ao velho ressentimento judeu o modo de sobreviver. Segundo Nietzsche, o Deus cristão, mistério de extremada crueldade, agrava a fealdade do Deus judeu. Através do “redentor” proclamado por Paulo, que parecia, à primeira vista, opor-se a Israel, Israel conseguiu, pensa Nietzsche, a última meta de seu rancor.

O triunfo da vingança de Israel

O judaísmo elevou sobre a cruz - como se tratasse de um inimigo - o “redentor” que era, na realidade, o instrumento de sua vingança, oferecendo, assim, ao mundo inteiro o mais perigoso e irresistível “anzol”. Pela cruz, tal como Paulo a apresenta, a vingança de Israel e sua inversão de todos os valores havia triunfado, observa Nietzsche, sobre todo outro ideal. Poucos conhecedores do pensamento de Paulo se deixaram convencer pela interpretação excessiva que Nietzsche propõe do paulinismo.

Mas, pelo menos, Nietzsche se abstém de negar o gênio extraordinário (que ele considera, no entanto, nefasto) do Apóstolo dos Gentis, cuja obra contribui como poucas a conferir ao cristianismo sua enorme influência histórica.

Para concluir, eu diria que a crítica que Nietzsche opõe ao cristianismo é certamente impressionante, mas seria ingênuo considerá-la indubitável. Ela tende demasiado a confundir o cristianismo com suas deformações e a ver em sua história unicamente um processo degenerativo. A apresentação que Nietzsche oferece do sacerdócio cristão à luz exclusiva do paulinismo - interpretado com muito pouca equidade - é sobremaneira estreita, incapaz de reconhecer a diversidade polifônica das tradições cristãs. Em Nietzsche, a negação da culpabilidade mórbida tende a se converter em negação da responsabilidade. É evidente que a crítica elaborada por ele não tem sido concebida como uma contribuição positiva à renovação do cristianismo. Mas pode favorecê-la, na medida em que o cristão, discernindo os limites da polêmica de Nietzsche, mas também as deformações pseudocristãs, se aproximam a uma visão mais pura de sua fé.

Paulo e Lutero

Entrevista com Júlio Zabatiero



“Não consigo imaginar o cristianismo sem Paulo. Sem a sua contribuição, muito provavelmente o cristianismo teria permanecido uma facção do judaísmo e, possivelmente desapareceria de cena. Não foi apenas Paulo, é claro, mas a tradição paulina do cristianismo nascente que trouxe a abertura para o mundo gentílico, a tradução dos principais conceitos e noções da fé judaico-cristã para o pensamento helênico, a possibilidade de um amplo diálogo com o pensamento ocidental, e as bases teológicas para a organização institucional das igrejas cristãs”. É o que afirma o teólogo Júlio Zabatiero em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*. Ainda segundo ele, há uma crise na leitura “moderna” do pensamento paulino.

Zabatiero é graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, mestre e doutor na mesma área pela Escola Superior de Teologia (EST), onde atualmente leciona, com a tese *Tempo e Espaço Sagrados em Deuteronômio 12,1-17,13. Uma leitura sêmio-discursiva*, publicada pela editora FTSA, de Londrina, em 2001. Possui, ainda as seguintes publicações: *Miquéias: a voz dos sem-terra*. Petrópolis: Vozes, 1996, *Liberdade e paixão. Missiologia latino-americana e o Antigo Testamento*. Londrina: Descoberta, 2000 e *Fundamentos da Teologia Prática*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2005. Confira a íntegra da entrevista a seguir.

IHU On-Line - Quais considera os elementos mais importantes do pensamento paulino que geraram a modernidade no ocidente?

Júlio Zabatiero - Alguns aspectos do pensamento paulino, especialmente conforme interpretado por Santo Agostinho, que foi reinterpretado pelos primeiros reformadores, contribuíram para o surgimento da modernidade (eu não diria que “geraram”, pois há várias fontes do surgimento da modernidade). Penso que os principais são: (1) a noção da salvação como entrada na liberdade -

liberdade que é um dos temas cruciais da modernidade; (2) a necessidade de decisão individual para chegar à salvação - o que contribuiu para o desenvolvimento da noção moderna de indivíduo; (3) a valorização ética da família e especialmente do trabalho, com a afirmação da importância de obediência às autoridades - que contribuíram para a ética protestante que, segundo Weber²⁸, foi um elemento

²⁸ Maximilian Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética*

simbólico importante na modernidade, e que também ajudaram na formação do estado moderno, conforme Quentin Skinner²⁹, historiador que discutiu a contribuição dos reformadores para a formação dos estados modernos.

IHU On-Line - Como Lutero lia Paulo?

Júlio Zabatiero - Lutero lia Paulo predominantemente de duas chaves hermenêuticas: (1) a chave da experiência pessoal de libertação da necessidade de boas obras pessoais para alcançar a salvação, o que se realiza apenas mediante a fé, a confiança na graça de Deus que recebe gratuitamente o pecador com base nos méritos de Cristo; e (2) a chave doutrinária da suficiência da Escritura para fundamentar a doutrina e a experiência cristã. Assim, Paulo interpretou a justificação pela graça mediante a fé como o fundamento de sua crítica ao que ele considerava ser uma salvação « por obras » presente na doutrina católica de seu tempo. Essas duas chaves hermenêuticas foram fundamentais para a construção da identidade luterana. Primeiro em sua

protestante e o espírito do capitalismo é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título *Max Weber: a ética protestante e o "espírito" do capitalismo. Cem anos depois*, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou o **Cadernos IHU em Formação** nº 3, 2005, chamado **Max Weber - o espírito do capitalismo**. Em 10 de novembro de 2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁹ **Quentin Skinner**: historiador britânico. Ele se dizia não-marxista e defendia o pensamento de Marx como crítica às injustiças do capitalismo. É professor de Ciência Política na Universidade de Cambridge. Escreveu, entre outros, *As fundações do pensamento político moderno*. S. Paulo: Cia. das Letras, 2003; *Maquiavel*. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Nota da **IHU On-Line**)

compreensão da salvação como uma realidade pessoal, uma experiência entre a pessoa e Deus, que não precisa da mediação da instituição eclesiástica. Segundo, pela importância da confessionalidade firmemente fundada na Escritura, que contrabalança a força da individualidade na experiência de salvação. A instituição eclesiástica, assim, reassume a sua importância, não mais como o espaço salvífico exclusivo, mas como a garantidora da confessionalidade verdadeira em fidelidade à Escritura Sagrada.

IHU On-Line - Quais são os principais pontos de convergência e de divergência nas leituras de Paulo feitas por luteranos e católicos?

Júlio Zabatiero - Nas primeiras décadas da polêmica entre as igrejas católica e luterana, os principais pontos de divergência em relação à leitura de Paulo se situavam na chave hermenêutica confessional; enquanto as principais convergências se situavam no viés agostiniano da interpretação dos textos paulinos. Com os diálogos eclesiásticos oficiais e acadêmicos entre católicos e luteranos, tem se diluído a polêmica confessional institucional. Não desapareceram, é claro, as diferenças de compreensão eclesiológica, mas estas foram abrandadas em função da concepção da Igreja como povo de Deus no Vaticano II. No geral, porém, as interpretações contemporâneas de Paulo por luteranos e católicos são primariamente convergentes, especialmente com o uso dos métodos histórico-críticos.

IHU On-Line - Com base especialmente no pensamento de Max Weber, haveria uma influência direta do pensamento de Lutero na

constituição da modernidade em ocidente?

Júlio Zabatiero - Se entendo Max Weber, a resposta deveria ser negativa. A contribuição da Reforma Protestante é vista de forma indireta, em primeiro lugar pelo apoio religioso que deu à separação entre Igreja e Estado e, em segundo lugar, pela ética protestante do trabalho, que ajudou a legitimar simbolicamente o capitalismo ocidental.

IHU On-Line - Com a crise da modernidade, entra em crise o pensamento paulino ou precisa de uma nova leitura?

Júlio Zabatiero - Penso que entrou em crise a leitura “moderna” do pensamento paulino. Há várias novas leituras do pensamento paulino, que destacam a sua relevância para os nossos tempos. No âmbito de estudiosos latino-americanos, apenas poderia mencionar como exemplos os trabalhos de Joseph Comblin³⁰ (seus comentários a textos paulinos na série Comentário Bíblico, e vários de seus livros mais recentes sobre o cristianismo e a Igreja) por um lado, e Ana Flora Anderson³¹ e Gilberto Gorgulho³², por outro; os quais destacam

³⁰ **Joseph Comblin**: padre belga, teólogo, trabalha no nordeste brasileiro. Foi expulso do Brasil pela ditadura. Escreveu, entre outros, *A Ideologia da segurança nacional: O poder militar na América Latina*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980; *A liberdade cristã*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977. (Nota da *IHU On-Line*)

³¹ **Ana Flora Anderson**: professora da Escola Dominicana de Teologia, em São Paulo, autora de, entre outros *A História da Palavra II (Nova Aliança)*, Coleção Teologia Bíblica 3. São Paulo 2005. Com o frei Gilberto Gorgulho é uma das entusiastas da versão ecumênica da Bíblia na Internet. (Nota da *IHU On-Line*)

³² **Gilberto Gorgulho**: frei dominicano e historiador do cristianismo, mestre em História do Cristianismo Primitivo, mestre e doutor em Exegese Bíblica Judaico-Cristã. É autor de, entre outros, *Jesus de*

e relêem a temática paulina da liberdade. Entre protestantes, devemos destacar o trabalho de Elsa Tamez³³, que releu a noção paulina de justificação pela fé com base em postulados essenciais da teologia da libertação.

IHU On-Line - Como teria sido o cristianismo sem a figura do apóstolo Paulo? O que ele trouxe para a religião nascente?

Júlio Zabatiero - Não consigo imaginar o cristianismo sem Paulo. Sem a sua contribuição,

muito provavelmente o cristianismo teria permanecido uma facção do judaísmo e, possivelmente desapareceria de cena. Não foi apenas Paulo, é claro, mas a tradição paulina do cristianismo nascente trouxe a abertura para o mundo gentílico, a tradução dos principais conceitos e noções da fé judaico-cristã para o pensamento helênico, a possibilidade de um amplo diálogo com o pensamento ocidental, e as bases teológicas para a organização institucional das igrejas cristãs.

IHU On-Line - Quais são os principais desafios da teologia hoje e como o pensamento paulino pode trazer alguma perspectiva nesse sentido?

Júlio Zabatiero - Penso que a teologia hoje tem como desafios mais importantes (1) reconfigurar o seu espaço de relevância pública - ética, científica e política - na nova situação de globalização em que nos encontramos; e (2) reimaginar a fé cristã para uma

Nazaré (A compaixão de Deus). São Paulo: Art-Color, 2001; *A Justiça dos Pobres*, 2. ed. Paulus, 1996 e *Não tenham Medo*. 8. ed. Paulus, 1995. (Nota da *IHU On-Line*)

³³ **Elza Tamez**: teóloga mexicana, metodista, professora da Universidade Bíblica Latino-Americana da Costa Rica, com vários livros traduzidos para o português. (Nota da *IHU On-Line*).

religiosidade cada vez mais pós-confessional e pós-institucional. Considero que uma das contribuições significativas do pensamento paulino para lidar com esses desafios sejam (a) a sua noção da eficácia da fé centrada nas boas-obras de amor – mais importante do que a doutrina e do que a experiência individual com Deus, é a vivência pública da experiência de fé "que opera pelo

amor" (Gl 5,6); e (b) a sua concepção carismaticamente dinâmica da comunidade de fé, como constituída por pessoas que, em Cristo, podem construir sua identidade na relação pessoal com Deus e com os irmãos e irmãs, manifestada especialmente pelos carismas mediante os quais a comunidade cristã serve a Deus servindo a si mesma e ao mundo amado por Deus.

Paulo e Kierkegaard

Entrevista com Álvaro Valls



O amor ao próximo como "verdadeira resposta para o egoísmo, o niilismo, o cinismo, a ironia, a hipocrisia, o ceticismo e o indiferentismo da sociedade atual". Esse é um dos pontos em comum que podem ser apontados entre Paulo e Kierkegaard, avalia o filósofo Álvaro Valls. O professor faz, ainda, ponderações entre Kierkegaard com diversos outros autores, como Nietzsche e Dostoiévski. As declarações foram feitas por e-mail à *IHU On-Line*.

Doutor e mestre em Filosofia pela Universität Heidelberg, da Alemanha, com a tese *O conceito de história nos escritos de Soeren Kierkegaard*, Valls é professor e pesquisador no PPG em Filosofia da Unisinos. É autor dos livros *O que é ética*. São Paulo: Brasiliense, 1986; *Da ética à bioética*. Petrópolis: Vozes, 2004. É o tradutor e organizador da obra *Do Desespero Silencioso ao Elogio do Amor Desinteressado - Aforismos, novelas e discursos*, de Sören Kierkegaard . Porto Alegre: Escritos, 2004, da qual a edição 123 da *IHU On-Line*, de 16 de novembro de 2004, publicou a orelha do livro. A obra foi apresentada no *Sala de Leitura* de 16 de novembro daquele ano.

***IHU On-Line* - Como foi a recepção do pensamento paulino no Ocidente? Quais as correntes filosóficas mais influenciadas por esse pensamento?**

Álvaro Valls - Paulo é certamente o autor mais influente no cristianismo primitivo. Existem até certos livros sobre moral cristã divididos em duas partes, a primeira para os ensinamentos de Jesus, a segunda para

os de Paulo, - o que parece de fato um tanto abusivo, ou ao menos impertinente. Por essas e outras decerto é que Nietzsche³⁴ chamou Paulo de “o inventor do cristianismo”, isto é, seu sistematizador e grande divulgador (Nietzsche queria dizer também: seu deturpador, corruptor, é verdade). A influência de Paulo de Tarso na teologia é absolutamente central, mas na filosofia em geral ele influencia todos os pensadores de linhagem cristã. Há quem diga que, ao contrário do que se supõe, o cristianismo não foi marcado tanto pelo platonismo quanto pelo estoicismo, e Tarso era de uma região onde o estoicismo imperava, com Zenão³⁵. Daí talvez certas idéias como da conflagração universal no cristianismo, o fim do mundo pelo fogo... Parece que o grande filósofo estóico Sêneca³⁶, que pode ter sido contemporâneo

³⁴ **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus polêmicos conceitos “além-do-homem”, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim Falou Zaratustra*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; *O Anticristo*. Lisboa: Guimarães, 1916; *A Genealogia da Moral*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004. Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13 de dezembro de 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁵ **Zenão de Eléia** (495 a. C. – 430 a. C.): filósofo nascido em Eléia, hoje Vélia, Itália. Foi discípulo de Parmênides e defendeu de modo apaixonado a filosofia do mestre. Seu método consistia na elaboração de paradoxos. Desse modo, não pretendia refutar diretamente as teses que combatia, mas sim mostrar os absurdos daquelas teses (e, portanto, sua falsidade). Acredita-se que Zenão tenha criado cerca de quarenta destes paradoxos, todos contra a multiplicidade, a divisibilidade e o movimento (que nada mais são que ilusões, segundo a escola eleática). (Nota da *IHU On-Line*)

³⁶ **Sêneca** (4 a.C. – 65d.C.): estadista, escritor e filósofo estóico romano. De suas obras, restam 12 ensaios filosóficos, 124 cartas, um ensaio meteorológico, uma sátira e nove tragédias. Suas tragédias têm por tema assuntos explorados por dramaturgos gregos, mas são melodramas intensos e violentos, fixando-se na crença estóica de que a catástrofe é resultado da destruição

de Paulo em Roma, era chamado pelos cristãos *saepe noster*.

***IHU On-Line* - Que relações podemos encontrar entre Paulo e Kierkegaard?**

Álvaro Valls - Kierkegaard³⁷ é filósofo, teólogo, psicólogo e literato, se quisermos utilizar estas categorias e especializações. Mas ele mesmo se definiu como um “escritor religioso”. Metade de sua produção, principalmente os *Discursos edificantes* e os *Discursos cristãos*, costuma usar alguma citação bíblica como mote de um desenvolvimento filosófico. E aí então as passagens do *Novo Testamento* preponderam, com um equilíbrio entre citações dos evangelhos e das epístolas. De resto, Paulo é citado a toda hora e por toda parte. Quase todas as cartas que foram atribuídas de um jeito ou de outro a Paulo são citadas nas passagens mais conhecidas. Há, contudo, uma passagem muito especial, nos *Discursos em vários espíritos*, quando, com uma ironia matreira e uma incrível mistura de seriedade e graça, o escritor dinamarquês monta uma verdadeira “prova da ressurreição”, argumentando que: se uma outra vida depois dessa não existisse, precisaria ser inventada, pois caso contrário São Paulo seria, conforme suas próprias palavras, a mais lamentável das criaturas. O

da razão pela paixão. Essas peças influenciaram bastante a tragédia na Itália, na França e na Inglaterra elisabetana. Sua filosofia moral, inspirada na doutrina estóica, está expressa nos diálogos, tratados e cartas, *Epístolas morais a Lucílio*, que escreveu. As tragédias *Medéia*, *As troianas*, *Agamenon*, *Fedra*, são, geralmente, atribuídas a Sêneca. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁷ **Soren Kierkegaard** (1813-1855): filósofo dinamarquês existencialista. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e aquilo que viria a ser o existencialismo. Kierkegaard negou tanto a filosofia hegeliana de seu tempo, bem como aquilo que classificava como as formalidades vazias da Igreja dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da Igreja cristã, a ética cristã e a teologia. (Nota da *IHU On-Line*)

que, é claro, não poderia ser o caso! Assim, a prova viva de que há uma outra vida seria o próprio Apóstolo... Nietzsche arrancaria os bigodes, furioso com uma demonstração tão pouco racional, e afirmaria que a fé só prova a si mesma, pois é mais ou menos o que Kierkegaard tem em mente!

IHU On-Line - Como é o conceito de liberdade em cada um deles e que relações pode ter com o conceito de autonomia tão presente na modernidade?

Álvaro Valls - Não conheço bem o conceito paulino de liberdade, talvez a dos filhos de Deus, salvos pela graça de Cristo, de tal modo que para os puros tudo é puro; mas em Kierkegaard ele aparece mais desenvolvido em *O Conceito Angústia*, de 1844, na perspectiva antropológica de um homem que realiza sua síntese do corpóreo e do psíquico no espírito, e do tempo e da eternidade no “instante”. Decide, então, numa escolha de valor infinito e absoluto, sobre a significação eterna de sua existência. Mas esta liberdade humana se enreda na angústia, e se afirma (na hora da graça) ou fracassa ante a possibilidade do pecado, as tentações e as provações. A leitura de Agostinho é inegável, mas Kant³⁸,

³⁸ **Immanuel Kant** (1724-1804): Filósofo prussiano, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant causou um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A *IHU On-Line* número 93, de 22 de março de 2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado

Fichte³⁹, Schelling⁴⁰, Hegel⁴¹ (com seus

Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética. Os **Cadernos IHU em formação** estão disponíveis para download na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁹ **Johann Gottlieb Fichte** (1762-1814): filósofo alemão. Exerceu forte influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, assim como sobre as teorias filosóficas de Schelling, Hegel e Schopenhauer. Fichte decidiu dedicar sua vida à filosofia depois de ler as três Críticas de Immanuel Kant, publicadas em 1781, 1788 e 1790. Sua investigação de uma crítica de toda a revelação obteve a aprovação de Kant, que pediu a seu próprio editor para publicar o manuscrito. O livro surgiu em 1792, sem o nome e o prefácio do autor, e foi saudado amplamente como uma nova obra de Kant. Quando Kant esclareceu o equívoco, Fichte tornou-se famoso do dia para a noite e foi convidado a lecionar na Universidade de Jena. Fichte foi um conferencista popular, mas suas obras teóricas são difíceis. Acusado de ateísmo, perdeu o emprego e mudou-se para Berlim. Seus *Discursos* à nação alemã são sua obra mais conhecida. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁰ **Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling** (1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como «filosofia negativa». Schelling tentou desenvolver uma «filosofia positiva», que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tubingen aos 16 anos. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴¹ **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão. Foi um dos pensadores mais influentes dos tempos recentes. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, Hegel tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Nesse livro, Hegel considerava uma variedade tão grande de concepções quanto os diversos estados da mente, e as encarava como estágios no desenvolvimento do espírito em direção a uma maior maturidade. Sua segunda obra, *A Ciência da Lógica*, tenta fazer uma análise sistemática dos conceitos. Sua *Enciclopédia das ciências filosóficas* contém todo o seu sistema de uma forma condensada. O último livro de Hegel foi *A filosofia do direito*. Depois de sua morte, seus alunos publicaram suas conferências sobre filosofia da história, da religião e da arte, e sobre história da filosofia, usando principalmente suas anotações. (Nota da *IHU On-Line*)

intérpretes dinamarqueses, como Heiberg e Adler) e Schleiermacher⁴² também ajudam a compor o quadro. De resto, o conceito de autonomia, como se pode ver no belo livro de J. B. Schneewind⁴³, *A Invenção da Autonomia: uma história da filosofia moral moderna*. São Leopoldo: Unisinos, 2001, floresce com Kant, e se afirma na perspectiva da *Aufklärung*⁴⁴. Finalmente se radicaliza em Fichte, que é decerto um dos mestres de Kierkegaard, mas não esqueçamos as importantíssimas investigações de Schelling (outro de seus mestres) *Sobre a essência da liberdade humana* (de 1809, que foram tão bem valorizadas por Heidegger⁴⁵ na sua *Preleção*

⁴² **Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher** (1768-1834): teólogo, filósofo e pedagogo alemão. Foi co-responsável pela aparição da teologia liberal, negando a historicidade dos milagres e a autoridade literal das Escrituras. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴³ **Jerome B. Schneewind**: filósofo, professor de filosofia moral na Universidade de Baltimore e professor emérito de filosofia na Universidade John Hopkins, ambas nos EUA. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁴ **Aufklärung**: Em português, Esclarecimento, ou ainda, mais corretamente, Iluminismo - movimento intelectual surgido na segunda metade do século XVIII (o chamado "século das luzes") que enfatizava a razão e a ciência como formas de explicar o universo. Foi um dos movimentos impulsionadores do capitalismo e da sociedade moderna. Foi um movimento que obteve grande dinâmica nos países protestantes e lenta porém gradual influência nos países católicos. O nome se explica porque os filósofos da época acreditavam estar iluminando as mentes das pessoas. É, de certo modo, um pensamento herdeiro da tradição do Renascimento e do Humanismo por defender a valorização do homem e da razão. Os iluministas acreditavam que a razão seria a explicação para todas as coisas no universo, e se contrapunham à fé. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁵ **Martin Heidegger de Messkirch** (1889-1976): filósofo alemão. Doutorou-se em Filosofia sob a orientação de Edmund Husserl. Em 1933, acontecimentos políticos levaram-no a aderir ao partido nazista e assumir a reitoria da Universidade de Friburgo, cargo do qual se demitiu alguns meses depois. A seus olhos, o que define a ontologia e sua história é o esquecimento do ser como lugar de questionamento. Ora, o ser como questão define um ente particular, que é o ser-aí, o Dasein. Este Dasein é o homem. Ora, o ser-aí é aquele que pode ao mesmo tempo existir e saber, a todo momento e ao mesmo tempo, que deixar de existir: é

sobre Schelling). Esta outra vertente filosófica altera bastante o conceito de liberdade, fato que nem sempre é levado em conta. De qualquer modo, como não há uma autonomia vazia, abstrata, podemos falar da liberdade perguntando-nos "o que fazer daquilo que é feito de nós". Aí então vale a pena ler os pensadores da hermenêutica, a começar por Gadamer⁴⁶ e outros mais contemporâneos.

***IHU On-Line* - Que aspectos podemos encontrar em comum no conceito de amor em Kierkegaard e em Paulo? Como seria uma filosofia do amor, influenciada por ambos?**

Álvaro Valls - De um modo especial, Kierkegaard desenvolve, à luz da primeira carta aos Coríntios, sua reflexão sobre o amor cristão, acompanhando o chamado *Hino à caridade*. Isso ocupa a segunda parte do livro de 1847, *As Obras do Amor*, cuja primeira parte comenta o mandamento evangélico do amor. O amor cristão, neste livro, contrasta com o platônico (Eros) e o aristotélico (Filia). Kierkegaard distingue as características "cristicas" (isto é, essenciais do cristianismo) das pagãs, e interpreta as formas pagãs de amor como formas de egoísmo, amor de si. Nesse livro, ele não

um "ser-para-a-morte". Aceitar esta situação é o sinal da autenticidade, para o homem. Colocar a autenticidade, para o homem, é levantar as diferentes maneiras de ser: facticidade, derrelição, historicidade. São os temas fundamentais que Heidegger aborda na sua obra máxima, *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a *IHU On-Line* publicou na edição 139, de 2 de maio de 2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁶ **Hans-Georg Gadamer**: filósofo alemão, autor do importante livro *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1997. faleceu no dia 13 de março de 2002, aos 102 anos. Por essa razão, dedicamos a ele a matéria de capa da *IHU On-Line* número 9, de 18 de março de 2002. (Nota do *IHU On-Line*)

está interessado, como o fazia o autor pseudônimo da segunda parte de *A Alternativa*, em 1843, em mostrar como o elemento erótico do amor pode harmonizar-se com o aspecto ético. Em parte, talvez, é isso o que o Papa atual, Bento XVI, tenta fazer na sua recente encíclica *Deus é amor*, com seu esforço por reintegrar o Eros em Ágape. Mas o fato é que Kierkegaard enfrentava em sua época (da “morte de Deus”, e da crítica à religião institucionalizada como fundamento da crítica política e de todas as demais críticas, conforme Marx⁴⁷) um outro desafio: radicalizar o amor cristão, como amor ao próximo, para mostrar como este é a verdadeira resposta para o egoísmo, o niilismo, o cinismo, a ironia, a hipocrisia, o ceticismo e o indiferentismo da sociedade atual. De qualquer modo, o conceito central aí é o do “próximo”, que pode valer para qualquer um, e por isso exclui os exclusivismos. Também é fundamental a expressão evangélica “como a si mesmo”, que impede as tergiversações, ou ainda, o “como eu vos amei” (de João, 13, 34), provocando a gratuidade.

IHU On-Line - Quais são as principais questões em debate ao pensarmos o rumo que o conceito de liberdade foi tomando na modernidade e depois na contemporaneidade?

Álvaro Valls - O conceito de liberdade sofreu bastante, nos tempos modernos, devido às dicotomias em vários pensadores entre corpo e alma. Uns então enfatizaram

⁴⁷ **Karl Heinrich Marx** (1818 – 1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.^a Dr.^a Leda Maria Paulani, no último dia 23 de junho. O **Caderno IHU Idéias**, edição número 41, teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

uma liberdade supracorpórea, outros afinal a negaram, alinhando-se a múltiplas formas de determinismos. O conflito já está escancarado entre Spinoza⁴⁸ e Leibniz⁴⁹, mas pode ser depois acompanhado em Darwin⁵⁰, em Marx e em Freud⁵¹, ou hoje

⁴⁸ **Baruch de Espinosa** (1632-1677): filósofo holandês, pertencente a uma família judia originária de Portugal. Ainda jovem apaixonou-se pelos estudos e aprende o hebraico e as línguas clássicas. Lê Descartes com avidez, um dos seus filósofos favoritos. Cedo suas idéias tornam-se conhecidas, e os judeus consideram-nas heréticas. Por isso é expulso da sinagoga. Em 1656, é vítima de uma tentativa de assassinato. Para evitar que se torne um perseguido, retira-se para Leyden e para Rynsverg e ganha a vida polindo lentes para telescópios e microscópios. Publica um **Tratado Político** (*Tractus Tehologico-Politicus*), e a **Ética** e deixa várias obras inéditas, que são publicadas em 1677 com o título de **Opera Posthuma**. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁹ **Gottfried Wilhelm von Leibniz** (1646-1716): filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. A ele é creditada a criação do termo “função” (1694), que usou para descrever uma quantidade relacionada a uma curva. Geralmente, juntamente com Newton, é creditado a Leibniz o desenvolvimento do cálculo moderno; em particular por seu desenvolvimento da Integral e da Regra do Produto. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁰ **Charles Robert Darwin** (1809-1882): naturalista britânico, proponente da Teoria da Seleção natural e da base da Teoria da Evolução no livro *A Origem das Espécies*. Teve suas principais idéias em uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30 de novembro de 2005, a Prof.^a Dr.^a Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a obra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, de Charles Darwin, no evento *Abrindo o Livro*, do Instituto Humanitas Unisinos. A respeito do assunto ela concedeu entrevista à *IHU On-Line* 166, de 28 de novembro de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵¹ **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito

nos pensadores da física e da biologia, entre os quais alguns com prêmio Nobel, e que não sabem o que fazer com a liberdade. A visão do homem como ser espiritual deveria refletir sobre a integração entre o somático e o psíquico, chegando a uma teoria mais complexa do que seja o espírito. É significativo que o velho Hegel, em geral tão pouco dado à poesia, considere que o *estar-junto-a-si-no-outro* seja a fórmula não só da liberdade, mas também, acentuando o outro elemento, a fórmula do amor. Michael Theunissen, em Heidelberg, lembrava que a concepção liberal da liberdade não satisfazia, pois se vemos o outro como limite de nossa liberdade, esta não se responsabiliza pelo outro.

IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre o cristianismo como mensagem e o cristianismo como fenômeno social, geográfico instituição?

Álvaro Valls - A tradição cristã possuía, de resto, outra distinção, quando falava de igreja militante, padecente e triunfante. A comunhão dos santos, em todo o caso, não é um fenômeno empírico, visível sem mais. Kierkegaard, além dos dois conceitos citados (cristianismo e cristandade) desenvolveu ainda o de “cristicidade” (tal como Nietzsche e Adorno⁵² falaram de

humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias, e seu tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵² **Theodor Wiesengrund Adorno** (1903-1969): um dos mais importantes intelectuais alemães do século XX. Sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, ele definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico, *Dialética do Iluminismo*, escrito com Max Horkheimer, seu inseparável parceiro e primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que

“Christlichkeit”, que não é nem “Christentum” e nem “Christenheit”). Um filósofo que passou pela escola da ironia precisa, é claro, de um conceito abstrato, do tipo dos adjetivos substantivados platônicos, para poder questionar se este senhor que entra na igreja no domingo e se diz cristão é “verdadeiramente” cristão. Como saber se ele o é? Somente se utilizarmos um conceito, para comparar o fenômeno e a essência, ou a essência e a aparência. (Aliás, isso lembra de longe o título da obra de Feuerbach: *A Essência do Cristianismo*, de 1841.) Mas não podemos nos descuidar com a ironia, pois é possível que todo este discurso tenha muito de teatral, como ocorreu na Dinamarca de 1855, com Kierkegaard, vestido a caráter, produzindo a “catástrofe”, na polêmica contra a Igreja estabelecida, a que acusa de mundanizada. Contra esta Igreja, que teria supostamente traído o cristianismo, vendendo-o com desconto, mas afirmando passá-lo por seu valor real, Kierkegaard utiliza um “bordão”, no sentido jornalístico: “o cristianismo do Novo Testamento”. Trata-se de um bordão com finalidades polêmicas, brandido por um “Mestre da ironia”, mas inclui, supostamente, a realidade dos Evangelhos, dos Atos, e a mentalidade expressa nas Epístolas. Neste caso, Paulo é uma das autoridades maiores chamadas à colação.

IHU On-Line - Por que o cristianismo teria tido outra recepção em Oriente? Qual é o principal desafio do cristianismo hoje?

Álvaro Valls - Para falar do Oriente, falta-me competência, mas posso dar um exemplo atual do que venho fazendo nas pesquisas que desenvolvo como bolsista do CNPq. Em meu projeto de aproximação e comparação entre Kierkegaard e Nietzsche, há um terceiro elemento, extremamente

conhecemos hoje como Escola de Frankfurt (Nota da *IHU On-Line*).

enriquecedor. Refiro-me a Dostoiévski, contemporâneo dos dois, embora sem ter conhecido nenhum deles. Nosso escritor russo, como sabemos todos, esforça-se para viver e pensar conforme o cristianismo ortodoxo, o que o aproxima incrivelmente do luterano dinamarquês Kierkegaard, o qual, aliás, dizia que não devemos defender o cristianismo (e principalmente não defendê-lo dando descontos, fazendo liquidação), mas talvez defender a humanidade diante das exigências tão altas do verdadeiro cristianismo. O autor russo concordaria em muitos pontos com o dinamarquês, assim como o alemão Nietzsche aproveitou tanto das descrições psicossociais do grande romancista russo, em especial as análises do niilismo. *Crime e Castigo*, *Os Demônios* ou *Os Irmãos Karamázov* apresentam um riquíssimo painel de nossa realidade atual, com todo o cinismo profetizado por Ivan Karamazov, na frase “Se Deus não existe, tudo é permitido”. Até assassinar o próprio pai? Por que não, perguntarão hoje alguns jovens drogados, bem próximos de nós. E na política também? Por que não? Mas, bem entendido, somente se Deus não existe... Enfim, para retornar do Oriente para o Ocidente, o romance *O Idiota* foi outra obra de Dostoiévski com enorme penetração psicológica e fundo religioso, que produziu tal impacto no ateu combativo Nietzsche, que este descreve o perfil psicológico de Jesus com a expressão “idiota”. Bem compreendida, esta expressão

não ofende e até ajuda a entender muita coisa: de fato, Jesus, como depois Dom Quixote, vive em sua própria realidade, maior que a dos outros, e tem sua lógica própria, sua linguagem particular (“e quem puder compreender que compreenda”...).

O que lhe interessa - e neste ponto Nietzsche pode ter muita razão - é que Jesus veio para transmitir-nos uma “prática”, uma maneira de existir, mais do que qualquer crença como um teórico e abstrato “ter-algo-por-verdadeiro”. Neste ponto, Kierkegaard, com toda a sua formação paulina, não deixaria de dar os parabéns a Nietzsche pela felicidade de sua formulação: o que interessa é a prática! O que, de resto, o quarto Evangelho confirma: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 35). E o versículo anterior do mesmo Evangelho responde à segunda parte da pergunta acima: Qual é o principal desafio do cristianismo hoje? Resposta: Viver de acordo com Jo 13, 34: “Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros”. Este é o principal desafio, ainda nos dias de hoje. Se obedecermos a este mandamento, não precisaremos desesperar nem com o terrorismo, nem com o cinismo, nem com o fundamentalismo, pois este é um fundamento que não exclui, mas inclui a todos. E o cinismo, a longo prazo, não resiste ao amor, a única força capaz de movê-lo.

As conseqüências de governar para o mercado

Entrevista com Fernando Cardim Carvalho

O governo de Lula herdou um programa econômico desenhado pelo Fundo Monetário Internacional. Esse é o pensamento do economista Fernando Jose Cardim de Carvalho, professor titular no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, concedida por e-mail à *IHU On-Line*, avaliou a atual situação política e econômica do País. Doutor em economia pela Universidade de Nova Jersey escreveu um capítulo no livro *Adeus ao Desenvolvimento: A Opção do Governo Lula*. Belo Horizonte, 2005, organizado por J. A. de Paula intitulado, *FHC, Lula e a desconstrução da esquerda*.

No texto, o professor diz que nem PSDB, nem PT deram qualquer ênfase real aos objetivos da esquerda democrática. Ambos governaram para o mercado e nos estreitos limites fixados por ele.

***IHU On-Line* - O modelo político econômico do governo Lula desgastou-se ou já começou mal?**

Fernando Cardim Carvalho - O governo Lula deu continuidade a um programa econômico herdado do segundo governo de Fernando Henrique Cardoso e que tinha sido desenhado, em suas linhas gerais, pelo Fundo Monetário Internacional, quando concedeu financiamento ao Brasil para que atravessasse a crise cambial de 1999. Este programa consiste na conquista da confiança dos « mercados », palavra que designa os mercados financeiros locais e internacionais, na expectativa de que a aprovação do governo pelos mercados estimule empresas produtivas a fazer

investimentos, aumentar a produção, expandir o mercado de trabalho etc. Na prática, o pagamento de taxas de juros, excepcionalmente altas, a dívida pública e a priorização absoluta das despesas financeiras sobre todas as outras na alocação orçamentária ganham a confiança dos mercados financeiros. Tem-se assim uma combinação de políticas monetária e fiscal altamente perversas e com impactos perversos sobre a taxa de câmbio também do ponto de vista do crescimento. Nos governos FHC, a postura liberal deixou o País à mercê de movimentos desestabilizantes de capitais financeiros, como durante a crise mexicana, as crises asiáticas e depois a

crise russa, até o colapso de 1999⁵³. No governo Lula, essa mesma postura fez o Brasil crescer as menores taxas do mundo em um período em que a economia internacional esteve excepcionalmente favorável.

IHU On-Line - Em às divergências entre o grupo do ex-ministro Antonio Palocci e o do ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos. Qual sua avaliação?

Fernando Cardim Carvalho - A queda de Palocci não se deveu à sua política econômica, já que o próprio presidente insiste que não conhece outra, mas a escândalos de corrupção, favorecimentos e, ao final, de abuso de poder no episódio da violação do sigilo bancário do caseiro. É exasperante como neste país grupos que se alimentam por anos a fio da retórica moralizante entregam-se aos vícios de sempre quando chega sua vez. Mas, francamente, mais exasperante ainda é a falta de idéias substantivas para o futuro do País. É difícil imaginar uma quebra de confiança mais grave do que ver o próprio presidente referir-se ao seu próprio discurso de vinte anos como « bravatas ». FHC pediu que esquecessem o que escreveu. Lula simplesmente afirmou que o que disse antes era “balela”.

IHU On-Line - Muitos nomes estão sendo anunciados para a candidatura à Presidência da República. Que propostas econômicas podemos esperar deles?

Fernando Cardim Carvalho - Havia grande expectativa de que uma candidatura do José Serra, por mais paradoxal que isso possa soar,

⁵³ Colapso do Real. Houve uma alta na dívida pública e nos juros. (Nota da *IHU On-Line*).

considerando-se que Serra foi ministro de FHC, abrisse a possibilidade de discussão de alternativas efetivas de política. Serra, afinal, foi um crítico público das políticas econômicas de FHC, mesmo na qualidade de ministro da Saúde. A escolha do PSDB, no entanto, parece ter sido pela reafirmação de sua face mais conservadora. Alckmin é uma incógnita fora de São Paulo, mas os sinais que dá, de aproximação com a equipe de FHC, promete o pior. O ex-presidente Itamar Franco está sendo cogitado, mas parece pouco provável que consiga a indicação de um partido fragmentado como o PMDB. De qualquer modo, não há ainda qualquer indicação do que seria seu possível programa de governo. Apesar de sua personalidade mercurial, seu curto governo não foi ruim, sendo responsável pelo plano de estabilização que FHC espertamente tratou de dar seu nome. Garotinho seria, muito provavelmente, um enorme desastre. O estado em que está o Rio de Janeiro é prova viva da capacidade administrativa da família Garotinho. Além disso, o governo de sua esposa tem patrocinado desastres inacreditáveis, como o ensino da visão criacionista nas escolas do Estado. Só não nos tornamos uma piada mundial como no caso de Kansas porque poucos prestam atenção no que faz o governo do Rio. Seria inimaginável o que estas pessoas fariam com um ministério da educação nas mãos.

IHU On-Line - Com toda essa crise política o mercado brasileiro parece inalterado. É verdade?

Fernando Cardim Carvalho - Até agora, sim. As alternativas eleitorais que apareceram não representam nenhuma ameaça à continuidade das políticas implementadas nesses últimos doze anos. Com Lula ou com Alckmin o mercado está tranqüilo. Com Itamar, quem sabe?

Com Garotinho seria além da imaginação.

IHU On-Line - Aparentemente, na América Latina as políticas econômicas de esquerda e direita não apresentam grandes diferenças. Exemplo disso é Lula no Brasil, Vázquez no Uruguai e Bachelet no Chile. O senhor concorda? O que aconteceu com a esquerda?

Fernando Cardim de Carvalho - Bachelet acabou de assumir, é difícil dizer o que será seu governo. Mas há diferenças importantes como, por exemplo, o caso do Presidente Kirchner, na Argentina, para não falar de experiências populistas como a de Chávez. Eu tenho a impressão de que o contraste entre Kirchner e Lula é mais interessante que a similaridade deste com Vázquez. O Uruguai não tem muito espaço de decisão autônoma, prensado pela convivência com dois vizinhos enormes, como o Brasil e a Argentina. Já a Argentina se confrontou com o FMI, por exemplo, e impôs seu ponto de vista. Manteve as políticas de juros que achou melhores e com isso conseguiu uma disciplina fiscal semelhante à do Brasil sem sacrificar seu crescimento. Suas políticas sociais têm uma natureza mais de apoio ao emprego do que a de Lula, mais abertamente assistencialista. No aspecto político, de forma ainda mais visível, Kirchner tem sido muito mais afirmativo no trato com seu próprio passado. Na Argentina de hoje, é impensável que o comandante do Exército lançasse uma nota como a lançada aqui em 31 de março, expressando orgulho pelo golpe militar.

IHU On-Line - A América Latina está vivendo um momento de mudanças. O que podemos esperar de, por exemplo Evo Morales? Haveria uma possibilidade de alianças entre Brasil,

Venezuela e Bolívia potencializando diversas fontes energéticas?

Fernando Cardim Carvalho - As relações com a Bolívia são sempre muito delicadas devido às diferenças de desenvolvimento e poder político entre Brasil e Bolívia, um dos mais pobres países do continente. O conflito atual com a Petrobrás, por exemplo, parece de difícil solução, porque do lado brasileiro o problema do gás é principalmente comercial, enquanto do lado boliviano é de soberania nacional. É possível que se chegue a uma solução aceitável para ambos, mas alianças com países de desenvolvimento similar, como a Argentina, mesmo que fora da região, como no caso da Índia e da África do Sul, são muito mais promissoras.

IHU On-Line - O senhor escreveu um artigo intitulado FHC, Lula e a desconstrução da esquerda. Quais as idéias fundamentais?

Fernando Cardim Carvalho - O PSDB e o PT apareceram como propostas de renovação da esquerda, substituindo a sua tradição revolucionária por uma tradição democrática. Assim, apesar do PT não gostar do rótulo, ambos nasceram com planos próximos ao do socialismo e da social-democracia européias. Incidentalmente, ambos também nasceram com ambições éticas mais notáveis, o PSDB de um grupo do PMDB que rejeitava o « quercismo », e o PT rejeitando toda a política partidária do Brasil. Como alternativas socialistas (no sentido europeu) e social-democratas, a retórica de ambos os partidos deveria privilegiar o pleno emprego, o crescimento e a distribuição de renda e riqueza, por meios estruturais e não apenas assistenciais, como, por exemplo, pela reforma tributária que desse efetiva progressividade aos impostos. Chegados ao poder, no entanto, nem PSDB, nem PT deram qualquer ênfase real aos objetivos

da esquerda democrática. Ambos os governos governaram para os mercados e nos estreitos limites fixados pelos mercados. A esquerda brasileira chega falida em meados da primeira década do milênio não porque se mostrou tão ou mais corrupta que todos os outros, por mais grave que isso possa ser, mas

porque chega desprovida de idéias e propostas. Deste revés, a esquerda democrática (porque aos poucos, é verdade, remanescentes da esquerda revolucionária dirão que a democracia "burguesa" é inócua) brasileira não se recuperará tão cedo.

destaques da semana

Entrevistas da Semana pg. 38

Filme da Semana pg. 46

Teologia Pública pg. 48

Entrevistas da semana

Confira a seguir quatro entrevistas conjunturais sobre a França e os recentes acontecimentos sócio-políticos nesse país. Trata-se de entrevistas com o sociólogo francês Alain Touraine, com o demógrafo e historiador francês Emmanuel Todd, ambas publicadas no jornal *La Repubblica*, com o sociólogo norte-americano Richard Sennet, originalmente veiculada pelo *Liberation* e com o filósofo e sociólogo Axel Honneth, realizada pelo *Le Monde*.

As entrevistas foram traduzidas pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores (CEPAT).

A crise social francesa

Entrevista com Alain Touraine

”Um recém-formado tem perspectivas piores do que os seus pais. É uma mudança epocal”, constata Alain Touraine.

”Os jovens que se manifestam têm medo. Vêem as suas perspectivas de vida em queda livre. E eles têm razão. Também eu temo pelo futuro. O protesto tem tudo para aumentar cada vez mais”. A afirmação é de Alain Touraine, sociólogo francês, em entrevista publicada, ontem, dia 5-4-06, no jornal italiano *La Repubblica*.

Agora todos sustentam que na França é impossível fazer reformas. Estive entre os primeiros a denunciar a incapacidade dos franceses em negociar. Mas neste caso dou razão aos manifestantes. Não agüento mais as críticas que chovem sobre o nosso país.

Alain Touraine, especialista em movimentos sociais, tem criticado muitas vezes os sindicatos e as corporações como sendo um freio para a evolução da França. A

novidade agora é que o famoso sociólogo simpatiza com os rapazes que vão para as ruas contra o Contrato do Primeiro Emprego (CPE).

Por que pensa que esta lei está errada?

Na realidade, me parece que é um bode expiatório. A lei não me parece pior que os outros contratos destinados aos jovens. A maior parte das novas contratações já são precárias. É evidente que a atual crise tem raízes mais profundas.

O medo do futuro. Não é estranho que um jovem de vinte anos esteja tão assustado com o futuro?

É muito mais que estranho. Para mim é algo chocante. Atualmente um jovem formado tem perspectivas de trabalho inferiores às que seu pai tinha. Ele sabe que está arriscado a viver pior que os seus pais mesmo tendo estudado muito mais que eles. É um fenômeno epocal que vai contra a lei da natureza. Isso não acontece há muitas gerações.

É por isso que vemos nas manifestações muitos pais desfilarem ao lado dos seus filhos?

Este movimento social goza de um vasto consenso. É uma tomada de consciência geral, que perpassa as classes sociais e as categorias de trabalhadores. Já quando as periferias se manifestaram foi feita uma primeira discussão sobre o nosso modelo. Os estudantes não estão isolados porque está em jogo algo que vai além da CPE: trata-se de compreender o seguinte: em que país queremos viver?

Em que país o senhor gostaria de viver?

Estou confiante. A França poderá crescer apesar da crise atual. Este movimento pode ser a ocasião para abrir para um real espaço público no qual se possa discutir uma alternativa ao neoliberalismo dominante. O predomínio

da economia não é uma fatalidade. O Estado deve defender o seu papel.

A França já tem uma forte tradição estatal.

Há um setor público - refiro-me aos dependentes do Estado - que é ultraprotégido e representa a nossa fraqueza. Quando falo do papel do Estado compreendo as instituições que podem fixar regras e princípios para a economia.

Não lhe parece uma contradição dos tempos em que existe uma aguda concorrência mundial?

Oponho-me à ideologia segundo a qual devemos alinhar-nos com o mercado de trabalho chinês. Há muito mais empresas francesas que migram para a Espanha que para a China. Creio que fixar uma ordem superior não vá contra a competitividade.

Pode-se comparar com o Maio de 1968?

Absolutamente não. Não está em questão o desencontro entre gerações, mas um protesto contra o sistema.

Está preocupado com a situação social?

Temo que o desencontro com as instituições aumentará cada vez mais. Por outro lado, a nossa democracia não é mais verdadeiramente representativa. Os eleitos se comportam como pequenos acionistas desconectados da realidade.

A violência continuará?

Não excluo que há uma radicalização dos protestos. Muita gente está no limite e pode passar para o lado dos *casseurs*.

Chirac estendeu a mão aos

manifestantes. As negociações poderão fazer sair o país deste beco escuro?

Dominique de Villepin jogou todas as suas chances de candidato a presidente e a França está pagando o preço social deste jogo de azar. O vencedor, no fim, é Nicolas Sarkozy.

Mas Sarkozy era, até recentemente, o homem da "ruptura" com o velho

sistema. Agora se encontra no papel de mediador?

Ele se move muito bem. Em compensação a esquerda não se moveu para nada. No partido socialista, há um silêncio espantoso. Podem gozar: sem terem uma idéia sequer, estão ganhando consensos. Unicamente recolhendo os frutos deste enorme "basta!" ao sistema.

França. Processo de deslegitimação da elite

Entrevista com Emmanuel Todd

O demógrafo e historiador francês Emmanuel Todd, bastante conhecido no Brasil pelo seu livro *Depois do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2003, faz uma leitura heterodoxa daquilo que está acontecendo na França. Para ele, em entrevista ao jornal italiano *La Repubblica*, 02-04-06, a crise francesa revela o descolamento entre a elite e os cidadãos, entre a oligarquia dominante e o resto da sociedade.

La Repubblica - Cada vez que se propõe uma reforma, a França se bloqueia, vai para rua, reage. Em nenhum outro país se assiste a crises como esta dessas semanas: é o sintoma de um país doente?

Emmanuel Todd - Esta é a visão que se tem. Podemos até elencar os sintomas políticos dessa "doença": a incrível reeleição de Chirac em 2002 com a extrema direita no desempate, as regionais de 2004 com estrondosa vitória da esquerda, o não à constituição europeia em 29 de maio passado, a revolta das *banlieues* em novembro e agora a luta contra o CPE. Fica claro que há um tipo de divórcio entre a sociedade

e a esfera política. Diz-se que a França não é capaz de adaptar-se a globalização. É verdade: a França nega certo tipo de adaptação liberal, mas eu considero isso um sinal de vitalidade.

La Repubblica - Em que sentido?

Emmanuel Todd - Se busca ensinar aos franceses que modernidade é o ultra-liberalismo, mas está claro que eles não querem isso. E entram em conflito frontal contra este modelo, mais do que os outros países. Porque a França é um país vivo. Falo como demógrafo: não se pode dizer que o único grande país europeu seguro de seu futuro demográfico com uma progressão dos nascimentos

superior a 50% em relação à Itália e Alemanha, seja doente. Se os jovens se revoltam na França, ao menos em parte, é porque são mais numerosos e porque são os primeiros a sentir a pressão de determinado mercado de trabalho mundial. Demograficamente, os jovens são somente trabalho e o capital pertence aos velhos. Em um sistema no qual se privilegia o capital a despeito do trabalho, os jovens são particularmente atingidos. A França encarna a verdadeira modernidade.

La Repubblica - O que têm em comum a crise atual e as sublevações nas *banlieues*?

Emmanuel Todd - Os jovens são os protagonistas. O livre comércio e a concorrência global pesam fundamentalmente sobre eles. A ameaça para os filhos dos imigrantes é o desemprego; os estudantes encontrarão um trabalho, mas menos bem pago e instável. O fato mais significativo destas crises, em minha opinião, é que os jovens estão se tornando a classe explorada. É a revolta de uma geração que percebe esta transformação.

La Repubblica - As raízes do conflito são mais profundas daquilo que se pensa, vão além da precariedade?

Emmanuel Todd - Ampliemos a análise: esta crise está ligada à nova natureza oligárquica das sociedades desenvolvidas. Os 20% que estão em cima não têm mais os mesmos valores e as mesmas escolhas de gestão econômica e social dos 80% que estão em baixo. Sublinhou-se muito a contradição de Chirac: discursos e programas muito à esquerda, uma prática liberal clássica. Poder-se-ia dizer o

mesmo de Villepin e dos outros. É este contraste entre o discurso e a prática liberal-masquista que leva às explosões. As opiniões e as preferências dos homens políticos não pesam grande coisa diante de um consenso ideológico nas classes superiores da sociedade. A crise, enfim, se pode resumir no confronto entre o sistema de idéias das classes dominantes e as aspirações da população. Nesse caso, qualquer sistema político seria instável.

La Repubblica - Uma crise de regime, como sustentam alguns?

Emmanuel Todd - Estamos diante de um processo de deslegitimação da elite. Não se pode falar de situação revolucionária, porque a revolução é associada à idéia de violência, enquanto a França permanece uma sociedade muito rica e tranqüila. Mas há uma semelhança com as situações pré-revolucionárias: o desprezo dos governados pelas classes governantes.

La Repubblica - País tranqüilo quando se viu em todo o mundo os carros em chamas nas *banlieues*, os confrontos na rua com a policia?

Emmanuel Todd - O primeiro ato violento foi a evacuação da Sorbonne. O sistema em si mesmo é violento: flexibilidade, estagnação dos salários, explosão dos lucros. A sociedade está cada vez mais polarizada, as classes médias estão passando classes populares. O crescimento da violência se faz presente, mas há somente alguns incidentes, não existem mortos. Estamos ainda no modelo 68, do qual se imita a violência. O fato de que tanta desordem não produza nenhum morto demonstra o quanto é forte o autocontrole dos indivíduos na sociedade.

“A França na pré-estréia”

Entrevista com Richard Sennett

Richard Sennett é sociólogo norte-americano, professor honorário da London School of Economics e preside o Conselho Americano do Trabalho. Acaba de publicar *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006, no qual trabalha longamente as questões da flexibilidade. A *IHU On-Line* edição 170, de 6 de março de 2006 publicou entrevista com o sociólogo, juntamente com resenha do jornalista José Castello. O material foi publicado, ainda, nas *Notícias Diárias* da página do IHU, www.unisinos.br/ihu, em 2 de março. Sennet está sendo convidado pela Unisinos para uma conferência a ser proferida em 2007, no *Simpósio Internacional* organizado pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU. É também autor de *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Libération - A França é um país impossível de reformar ou um país que resiste?

Richard Sennett - A imprensa britânica vos faz aparecer como um país que está atrasado no movimento. Do meu ponto de vista, a França está, ao contrário, a ponto de começar a dar uma resposta ao novo capitalismo. É uma pré-estréia que, penso eu, vai se estender a outros países. A questão, mais que esses discursos sobre um país rígido, o que é proposto aos jovens por esse novo contrato, é somente um aperitivo do que virá no futuro. Esta noção que pode colocar um fim a uma relação de trabalho sem justificativa é uma etapa a mais para o capitalismo que eu descrevi em *Trabalho sem qualidades* e em meu novo livro. A economia muito globalizada e tecnológica faz a riqueza ser partilhada por um grupo de trabalhadores cada vez menor. É o espectro da inutilidade que está para tornar-se uma realidade.

Libération - Que estratégia adotar então?

Richard Sennett - Eu não tenho saudades do capitalismo dos anos 1970. Considere que alguns aspectos dessas mudanças, especialmente as evoluções tecnológicas, são bons. O desafio é aprender a gerir dinâmicas novas em nome do interesse geral e não para o bem de poucos. Não é uma questão de recusa, mas uma questão de análise estratégica sobre o que neste sistema pode ser gerado de maneira humana e como. Eu tenho o sentimento de que vocês têm, na França, sindicatos muito conservadores que têm poucas idéias para gerir esta transição. E que estão ancorados no passado. Eles estão na defensiva, mas a defensiva não é um programa para tomar o controle das coisas. Em numerosos países, há experimentações sociais acontecendo que tendem a controlar as condições da precariedade, a controlar as condições de seu próprio trabalho, mesmo num mundo mais globalizado. Eu

sou talvez injusto, mas eu não vejo isso acontecer na esquerda francesa.

-Por quê?

Richard Sennett - A herança do marxismo, a luta dos trabalhadores contra o patronato, bloco contra bloco, não funciona mais. A classe dominante do novo capitalismo não forma mais um bloco sólido. Não há mais patronato no sentido que se dava a essa palavra. Os administradores com as maiores responsabilidades são uma classe muito flexível que muda de posição e que não está mais ligada às organizações que eles administram. O poder econômico tornou-se fluido. A esquerda deve, portanto, tornar-se mais inventiva. O crescimento

do Front National em 2002 e a revolta dos subúrbios estão ligados a esta questão. Os *outsiders*, os imigrantes, os precários, são aqueles que suportam o peso da perda de valores culturais comuns. Essas pessoas mais frágeis da sociedade são estigmatizadas: nós censuramos as vítimas. As redes sociais tornam-se antes mais frágeis do que fortes. Minha profunda convicção é que, para responder a este mal-estar, nós temos necessidade de uma esquerda nova que deve encontrar os meios de gerir esta insegurança mais do que tentar combatê-la, de não mais permanecer no *homo faber*, mas inventar.

“O CPE ataca as expectativas de reconhecimento do trabalhador”

Entrevista com Axel Honneth

Axel Honneth é filósofo e sociólogo. Sucede a Habermas na direção, desde 2001, do Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt. É autor de *Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003. *Le Monde*, 01-4-06.

Le Monde - O senhor colocou no centro de sua obra a noção de reconhecimento, “ato moral ancorado no mundo social”, que consiste na “afirmação de qualidades positivas de sujeitos humanos ou de grupos”. Como esse quadro conceitual lhe permite pensar crises como a que suscita a precariedade do Contrato Primeiro Emprego (CPE)?

Axel Honneth - Para um intelectual alemão, que acaba de viver os

acontecimentos de março na França, o espanto é, primeiramente, que um grande movimento social desse tipo seja simplesmente possível. Apesar das semelhanças entre nossas duas sociedades, a diferença é enorme entre os níveis de mobilização política. Nos últimos anos, a Alemanha não conheceu nada que seja comparável. Entre nós, uma manifestação sobre esse assunto reuniria no máximo umas vinte mil pessoas. É o resultado de um vasto

processo de despolitização e de privatização da existência.

Devemos explicar esta diferença voltando à velha idéia de Marx segundo a qual os franceses saberiam fazer uma revolução, enquanto que os alemães se contentariam em pensá-la? Sem dúvida é preciso ir mais longe que as variações entre as tradições nacionais. Na realidade, eu tenho a impressão de que a revolta dos subúrbios teve um papel decisivo no atual movimento de protestos contra o CPE, no sentido de que ela permitiu aos estudantes chegar à consciência de que eles ainda podiam mudar as coisas. A tomada de consciência de que um movimento social pode ter um certo poder, motivou, sem dúvida, o desencadeamento da crise. Na Alemanha, nós não conhecemos nada assim, nem nos subúrbios nem em nossas universidades.

Le Monde - Não obstante, alguns lamentam, ao contrário, que a cultura do consenso e da negociação "ao estilo alemão" seja tão pouco desenvolvida na França...

Axel Honneth - Eu não creio que isso seja totalmente verdadeiro. Talvez o grau de integração social seja mais elevado nos subúrbios alemães, mesmo se nós temos concentrações de populações desfavorecidas em Berlim, em Frankfurt etc. Talvez encontremos uma melhor mistura social e talvez o trabalho social no setor obtenha relativamente mais sucesso. Do mesmo modo, o sucesso na integração escolar é ligeiramente superior. Entretanto, há traços de revolta na Alemanha, mas elas se exprimem sobretudo na vida cotidiana e não na forma de um movimento social.

De resto, no que diz respeito às universidades, eu posso lhe dizer que esta cultura do consenso ou da negociação deu num verdadeiro desastre porque ela tem por efeito tetanizar a resistência a

qualquer reforma, como o Programa Hartz-IV (nome do ex-responsável pelos recursos humanos da Volkswagen, Peter Hartz). O plano Hartz-IV remodelou o sistema de seguro-desemprego, abrandando as condições de indenização). Em suma, a pretendida cultura da negociação apenas dissimula o fato de que o sofrimento e a revolta, ainda que silenciosos, são, na minha opinião, os mesmos que na França.

Le Monde - O senhor pensa que seja impossível reformar o direito do trabalho pela lei?

Axel Honneth - Este tipo de reforma, a do CPE especialmente, contém um elemento de provocação na medida em que ela viola formas já estabelecidas de reconhecimento social: essas que foram postas em prática pelo Estado social. Ela ataca as expectativas de reconhecimento do trabalhador como sujeito de direito. É o que o sociólogo Robert Castel descreve com o nome de "estatuto": trabalhar é estreitamente conectado com a fruição de alguns direitos, entre outros, o direito à estabilidade.

Le Monde - Por que, na sua opinião, os estudantes e os jovens estão na dianteira desses movimentos de protestos?

Axel Honneth - Porque, diferentemente do que estava em curso há vinte anos, quando a maioria dos estudantes vivia da ajuda de seus pais ou de bolsas, eles dependem hoje de rendas externas. De quinze anos para cá, os estudantes estão, pois, bem mais expostos, ao longo de sua carreira universitária, à insegurança que prepondera no mundo do trabalho.

A situação não pode ser comparada àquela de há vinte ou quarenta anos porque a vulnerabilidade dos estudantes aumentou consideravelmente. A rede social que define a vida estudantil se rompe em toda as partes. Na minha

opinião, é o conjunto do sistema educativo que está minado. E devo dizer que, na minha opinião, isso torna esse movimento social completamente legítimo.

Le Monde - Contudo, as grandes figuras da Escola de Frankfurt que o senhor dirige, os filósofos Theodor Adorno e Jürgen Habermas, foram, muitas vezes, hostis ao movimento de 1968. Não há, nos incêndios de escolas fora da crise dos subúrbios ou na ocupação do prédio da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, elementos que poderiam suscitar de sua parte críticas similares às deles?

Axel Honneth - Mais uma vez, a situação não é a mesma. Adorno e Habermas reagiram a formas de violência física que emanava de estudantes cujo estatuto social era então relativamente privilegiado. Os grupos radicais, julgavam eles, a praticavam na esperança de suscitar uma faísca que fosse desencadear uma espécie de revolução social. Para eles, tratava-se de um desconhecimento maior da situação real da República Federal da Alemanha daquela época.

No caso da revolta dos subúrbios ou do movimento contra o CPE, não se pode dizer que se trata de um erro de análise, de um mal-entendido ou de uma incompreensão de si por parte dos atores. A maioria dos revoltosos se rebela porque não vê outra maneira de manifestar sua vulnerabilidade. Eles recorrem a meios certamente criticáveis com o objetivo de repor na ordem do dia alguns problemas políticos. Não devemos nos espantar que pessoas que vivem no contexto social no qual se encontram, sem futuro, naufraguem no vandalismo. Quando visito algumas regiões dos Estados Unidos de hoje eu estou surpreso em constatar que o grau de revolta e de vandalismo seja tão baixo. É, pois, uma

boa coisa que o problema seja ao menos articulado.

Le Monde - O senhor está vivamente interessado no pensamento político norte-americano. O senhor acredita que sua reflexão sobre as noções de comunidades, de identidades e de multiculturalismo possa ser útil para pensar a atual crise?

Axel Honneth - Eu não creio que o resultado desta velha discussão possa ser aplicado à situação presente porque os problemas são de outra natureza ou apenas destacam um baixíssimo grau de multiculturalismo. Diz respeito ao nível de reconhecimento que convém atribuir aos direitos culturais das minorias, mas as crises nos subúrbios da França ou nos bairros desfavorecidos da Alemanha acentuam principalmente o empobrecimento econômico e social. É uma questão de direitos sociais.

De maneira mais geral, como os Estados Unidos nunca conheceram, num período de quase cinquenta anos, um Estado social que, como na França e na Alemanha, tenha desenvolvido um elevado nível de expectativas, não representam em nenhum caso um modelo de regulação a seguir. Ninguém se sujeita a conhecer o estilo de desintegração que caracteriza as cidades americanas... É absurdo acreditar que se podem satisfazer as reivindicações daqueles que moram nos subúrbios concedendo-lhes direitos culturais sem lhes fornecer uma razoável esperança de segurança econômica e social.

Le Monde - Ao avançar, na sua obra, a importância do reconhecimento, o senhor dava um conteúdo positivo a esta noção. Hoje, a análise do que há de ideológico no processo de reconhecimento na era neoliberal ocupa mais lugar. O senhor afirma rezear que ela não possa, às vezes, ter por função a manutenção da

dominação. O senhor se tornou mais cético em relação às suas virtudes emancipadoras?

Axel Honneth - Não. Eu ainda tenho a profunda convicção de que no longo prazo a emancipação social se opera mediante a luta pelo reconhecimento. Entretanto, nos últimos dez anos, eu me tornei mais atento aos fenômenos aos quais Michel Foucault tinha sido sensível quando falava das formas brandas de poder (*soft power*), operando não pelo constrangimento, mas por meio de uma espécie de promessa. Eu observei, no final dos anos 1990, alguns deslocamentos na linguagem política, que se passou a adotar o discurso do reconhecimento social e da realização de si como o tinha feito, antes dele, o mundo do negócio. Nesse caso, o reconhecimento torna-se ao mesmo tempo um fator de crescimento da produtividade e uma legitimação ideológica do sistema. Ele se transforma

numa espécie de promessa ilusória, semelhante àquelas que a indústria publicitária veicula.

Le Monde - Que função o senhor atribui, neste contexto, à teoria crítica praticada desde a origem pela Escola de Frankfurt? De atirar uma “garrafa no mar”, segundo a expressão de Adorno?

Axel Honneth - Não, não! Esta velha metáfora valia para um período marcado pelo totalitarismo. O que as revoltas, das quais somos testemunhas, solicitam à teoria crítica é uma dupla tarefa: por um lado, concentrar-se sobre o que era recentemente qualificado de crítica da ideologia e que parecia passado de moda nos últimos vinte anos; por outro lado, reformular questões normativas, isto é, perguntar-se em que medida as exigências de reconhecimento são satisfeitas e fazer-se o advogado daqueles que dele são excluídos.

Filme da Semana

Os filmes comentados nesta edição foram vistos por algum colega do IHU.

A Máquina

Ficha Técnica:

Cor filmagem: Colorida

Origem: Brasil

Ano produção: 2005

Gênero: Comédia – Romance

Duração: 85 min

Classificação: 12 anos

Direção: João Falcão

Elenco: Gustavo Falcão, Mariana Ximenes, Paulo Autran, Wagner Moura, Lázaro Ramos

Sinopse: Na cidade de Nordestina, Antônio (Gustavo Falcão) é apaixonado por Karina (Mariana Ximenes). Quando a moça quer ir embora, ele promete trazer o mundo para ela. Recorrendo a um poder que esconde dos outros, Antônio vai tentar mudar o rumo do tempo.

Por que o filme se chama *A Máquina*?

Por Gilmar Hermes

O comentário do filme que destacamos na edição desta semana é de autoria do jornalista e professor na Unisinos, Gilmar Hermes. Gilmar é mestre em Artes Visuais pela UFRGS e doutor em Comunicação pela Unisinos, com a tese intitulada *As ilustrações de jornais diários impressos: explorando fronteiras entre jornalismo, produção e arte*. Na Unisinos, é professor de História da Arte, Estética e Comunicação, e Comunicação e Filosofia. Agradecemos ao professor Gilmar pela colaboração.

A aparição de Paulo Autran dá o tom teatral do filme *A Máquina*, com direção de João Falcão, que está em cartaz nos cinemas de Porto Alegre. Apesar do colorido e do clima fantasioso das imagens, grande parte da produção está fundamentada na capacidade dos atores de lidarem com as palavras e seu poder evocador. Os atores globais têm uma aparência diferente nas telas do cinema. Parecem menos maquiados. Podemos perceber a textura da sua pele de uma maneira como ela não se mostra na TV. E o título intriga desde o início, antes mesmo que a gente veja o filme. Por que chamá-lo de *A Máquina*? Será um filme brasileiro de ficção científica?

Como um espetáculo circense, o início do filme promete o desafio à morte, como se fosse possível convidá-la ou enganá-la para o seu momento crucial. Uma verdadeira máquina mortal é apresentada ao espectador. O público é guiado por essa situação angustiante de testemunhar uma possível destruição do ser humano, a mesma expectativa que vai mover os próprios personagens da história.

Aos poucos, o espectador é apresentado para o contexto da cidade Nordestina e seus dilemas, entendendo, inclusive, o que levou à construção da máquina. Todos estão indo embora, e o grande chamado é feito pelas antenas parabólicas, que prometem a possibilidade de existir, ao ser projetado na tela brilhante.

Mas a grande figura da história é a temporalidade. O tempo é irreversível, mas existe como uma forma de constituição da consciência e ação humanas sobre a realidade. O contar dos relógios e dos calendários não volta, mas permite demarcar e saber. O aspecto trágico da consciência é que ela se configura com o tempo, mas não pode voltar a vivenciar esse mesmo tempo, sabendo-o como uma sucessão de acontecimentos. Essa temporalidade é o pano de fundo de uma história que mescla elementos da cultura nordestina com a onipresença dos meios de comunicação hoje. Permanece, contudo, a pergunta: Por que chamá-lo de *A Máquina*?

Fórum Mundial de Teologia e Libertação

Entrevista com Luiz Carlos Susin

O capuchinho gaúcho frei Luiz Carlos Susin, secretário executivo do Fórum Mundial de Teologia e Libertação (FMTL), realizou uma viagem de 21 de fevereiro a 12 de março de 2006 à Holanda, à Bélgica, à França, à Itália e ao Quênia (África Oriental). Sua missão foi a realização de atividades em preparação ao segundo Fórum Mundial de Teologia e Libertação, que será realizado em Nairobi, capital do Quênia, em janeiro de 2007. Frei Susin foi o coordenador do primeiro Fórum Mundial de Teologia e Libertação, realizado em Porto Alegre, em 2005, às vésperas do Fórum Social Mundial.

IHU On-Line conversou dia 6 deste mês, por telefone, com frei Susin, propondo-lhe algumas questões no intuito de repercutir uma entrevista concedida pelo teólogo espanhol José Maria Vigil, que critica o primeiro Fórum Mundial de Teologia e Libertação e tece comentários sobre o Fórum Social Mundial de Caracas, realizado em janeiro deste ano. A entrevista que inspirou a conversa foi publicada na página do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, endereço www.unisinos.br/ihu, no dia 15 de março de 2006.

Luiz Carlos Susin é professor da Pós-Graduação em Teologia da PUCRS. É teólogo pela PUCRS e mestre e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Itália.

***IHU On-Line* - Qual sua avaliação geral das opiniões de José Maria Vigil sobre o Fórum Social Mundial e o Fórum Mundial de Teologia e Libertação?**

Luiz Carlos Susin - Sou companheiro e amigo de José Maria Vigil. As opiniões que ele emite são no estilo da sua personalidade: sempre com muita

radicalidade em termos de paradigma, de força, e que devem ser avaliadas nesse quadro pessoal. O Fórum Social Mundial, segundo ele, tem boa saúde, vai bastante bem. Ele está respondendo bem a toda a sociedade. Nós, da Igreja e da Teologia, estamos menos bem, não estamos nem à altura do Fórum Social Mundial. A

avaliação de Vigil parte de um sonho radical e de uma inconformidade, que tem um pouco de sabor profético, que devemos respeitar. Mas a minha posição é um pouco mais matizada. Não vejo o Fórum Social Mundial com todo o otimismo de Vigil. Ele está com alguns problemas de dispersão, com dificuldade de manter uma palavra mais eficaz do ponto de vista da unidade em todos os movimentos. Foi exatamente isso que se discutiu em Caracas: a necessidade de tomar algumas medidas mais unificadas e práticas, o que seria de caráter bastante político.

O Fórum de Teologia e a própria Teologia não podem se pensar como presenças fortes". A idéia de usar a palavra "forte" nos remete à compreensão de que tudo o que é forte hoje é como o carvalho que, no meio da tempestade, quebra. Hoje é preciso ser como um caniço, que sabe resistir, sempre com flexibilidade, com uma voz um pouco mais matizada, mais suave, aceitando ser apenas uma voz no conjunto. Isso é mais adequado do que querer ser uma voz marcante e forte. Esse clima de ser forte tem um pouco do messianismo das ideologias modernas, que se mostrou apenas como a secularização de uma pretensão eclesial que quisemos superar. Uma presença mais suave, porém não mais fraca, dos teólogos no Fórum Social Mundial é mais adequada.

IHU On-Line - Vigil disse que "o Fórum Mundial de Teologia e Libertação de 2005 não expressou uma palavra que pudesse ser escutada pelo Fórum Social Mundial, nem soube articulá-la e pronunciá-la para a sociedade". Como o senhor sente essa crítica feita por ele?

Luiz Carlos Susin - Eu sou o secretário executivo do Fórum Mundial de Teologia, mas, na equipe executiva, o próprio Vigil foi uma presença importante, que nos

ajudou muito na formulação do projeto. Ele sempre coloca horizontes radicais para a realização. O fato é que nós ficamos com o trabalho, não só com os projetos, mas com a realização do projeto. Fomos nós que carregamos o piano e sabemos o peso dele. Tivemos que moderar e manejar o tamanho da realização conforme as possibilidades reais das respostas, das participações dos teólogos. Preferimos, nessa primeira edição, fazer uma espécie de pré-fórum. Ele não chegou a ser um fórum no sentido pleno da palavra. A idéia foi reunir teólogos somente por meio de convites, o que já o tornou muito diferente de um fórum, com inscrições abertas. Fizemos isso para que tivesse uma representação significativa, controlada, dos diversos continentes. O objetivo era fazer o exame de um processo que poderia ser feito no futuro. E nós alcançamos isso. O primeiro fórum na realidade, que terá mais fisionomia de fórum, conforme o Fórum Social Mundial, será o próximo, e não aquele. Na abertura daquele fórum, eu o chamei de pré-fórum, dizendo que ele seria uma espécie de reunião constituinte de fórum. Estávamos partindo do nada, de um "grupinho de iluminados", com vários limites.

Pontos a melhorar

É claro que temos que crescer. Na revisão do Fórum Mundial de Teologia, observamos que ele precisava superar a tendência academicista. Não podemos mais fazer um fórum com convite, fechado, com números limitados. Temos que nos aproximar do Fórum Social Mundial, com um fórum aberto, por delegados. Isso vai modificar muito. Não tivemos fôlego prático para que os participantes do Fórum de Teologia fizessem workshops e oficinas no Fórum Social Mundial. Conseguimos, pelo menos, com que esses teólogos

permanecessem em Porto Alegre para participar e conhecer o Fórum Social Mundial, que quase ninguém conhecia. O Fórum Social Mundial é tão grande que, quando queremos unir forças para dar uma palavra lá dentro, ela se transforma em uma palavrinha no meio de um monte de palavrinhas. Não podemos sonhar em querer dizer uma frase marcante, como se fôssemos uma personalidade carismática que, de repente, parasse o Fórum Social Mundial. Isso não existe. Existem teólogos que têm uma certa presença. Por exemplo, Leonardo Boff, que faz parte do nosso Fórum, junto com alguns outros, encheu o Gigantinho.

IHU On-Line - O senhor acaba de voltar de um encontro na África, no qual houve preparativos para o próximo Fórum Mundial de Teologia. Quais as principais decisões e perspectivas para esse evento?

Luiz Carlos Susin - Temos uma expectativa interessante do ponto de vista da fisionomia do Fórum Mundial de Teologia e Libertação. O fato de ele acontecer na África nos faz imaginar, planejar e trabalhar para que nele haja uma presença africana bastante marcante, como na América Latina, que houve, naturalmente, uma presença maior de latino-americanos. Isso será muito interessante, porque teremos mais visibilidade da África, teremos um espaço maior para que a África se manifeste, para que a reflexão africana, seus recursos, sua espiritualidade e os seus sofrimentos também se manifestem. Há um privilégio para a África nesse sentido. Do ponto de vista metodológico, vamos realmente ter no Fórum Mundial de Teologia e Libertação essa nova estrutura de *workshops*, onde as pessoas podem se inscrever livremente, por delegação. Quem puder enviar delegados ou quem quiser participar individualmente, mesmo

não sendo teólogo de profissão, sendo de movimentos de base, de organizações não-governamentais, é bem-vindo, desde que tenham o espírito do Fórum Social Mundial e que tenham uma reflexão na linha da espiritualidade e da teologia. Também vamos incentivar para que esses mesmos *workshops* tenham uma segunda fase dentro do Fórum Social Mundial. Seria exatamente para satisfazer essa justa crítica do Vigil, de que é preciso ligar mais um Fórum ao outro.

IHU On-Line - Em que direção o senhor acha que o Fórum Social Mundial deve continuar?

Luiz Carlos Susin - Na sua entrevista, Vigil diz que os fóruns policêntricos tiveram uma vantagem sobre os outros concentrados aqui em Porto Alegre, que foi a de permitir mais participação nas regiões. Mas, segundo alguns coordenadores, se eles permanecessem apenas policêntricos, perderiam muito o lado simbólico da grande unidade, da marcha comum que se faz pelo mundo todo. É necessário termos também fóruns concentrados. É isso que vamos ter em Nairobi. Nos fóruns policêntricos, tivemos boa participação. No caso de Caracas, tivemos uma participação razoável. Já o do Paquistão deixou muito a desejar em termos de participação⁵⁴. Ele foi tão restrito, que acabou sendo um fórum quase só nacional, nem mesmo regional. Precisamos ter momentos de concentração e descentralização. Outro elemento importante é de que ele continue sendo uma expressão da diversidade e da afinidade de muitos movimentos ao redor do mundo, e que se mantenha não só democrático, mas

⁵⁴ Para uma avaliação deste fórum confira o artigo de Tariq Ali condensado na editoria *Notícias do Dia*, do sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu, sob o título *Entre os gerais e os islâmicos. Terminou o Fórum Social Mundial no Paquistão*. (Nota da *IHU On-Line*)

pluralista. Ele precisa ter elementos de unidade, de unificação, de sintonia, que precisam ser acentuados. Um dos desafios é que ele não caia na dispersão.

IHU On-Line - Qual sua opinião sobre a afirmação de Vigil "Não estiveram à altura da Teologia da Libertação os teólogos e as teólogas latino-americanas que, após cinco edições do Fórum, ainda não souberam organizar-se para articular uma presença unida e forte em condições de pronunciar uma palavra diante de um Fórum deste gênero"?

Luiz Carlos Susin - Temos que matizar um pouco a palavra "forte" e a expressão "não estar à altura". Nessa mudança de paradigmas que tivemos, um deles é mudar nossas mentalidades fortes por mentalidades mais flexíveis, que podem ser mais fecundas e justas do que as mentalidades fortes. A palavra "forte" está sob suspeita, porque faz parte de um paradigma de estruturas fortes, de doutrinas fortes, que foram as ideologias do passado. Precisamos agora costurar, de maneira muito mais afável, mais atenciosa e mais *soft* as nossas mentalidades com a pluralidade e as diferenças. Quando queremos ser fortes demais, acabamos sendo hegemônicos, nos impondo sobre os outros. Tudo isso aprendemos com bastante sofrimento. Desde o primeiro Fórum Social Mundial, muitos teólogos latino-americanos estiveram presentes e em crescimento, no meio das multidões. Precisamos ter a humildade de reconhecer que, de fato, não temos receitas. Estamos buscando, pesquisando e esperando que outros nos ajudem. Não podemos ter um caráter messiânico, mas de aprendizado de outras expressões dentro do Fórum. Talvez isso venda a imagem de que estamos desarticulados, omissos. Mas não estamos omissos. Como não podemos mais repetir esquemas do passado, temos

que nos dar um pouco esse tempo de escutar mais do que falar, de acompanhar mais do que liderar.

IHU On-Line - O senhor também vê que a presença dos temas religiosos no FSM de Caracas tenha estado ligada praticamente apenas ao cristianismo, no sentido de que a presença de outras religiões tenha sido muito restrita?

Luiz Carlos Susin - De fato, as outras tradições religiosas estavam bem menos presentes do que a tradição cristã. Mas isso tem uma explicação cultural e continental muito fácil de entender. Tivemos um grande aumento da presença indígena nesse Fórum de Caracas, porque na área bolivariana as organizações indígenas são muito mais fortes do que no Brasil. Sempre contamos com a presença de indígenas em Porto Alegre, mas lá eles estavam mais presentes. Claro que os indígenas carregam uma tradição espiritual muito mais própria. Além disso, as tradições orientais do budismo, do hinduísmo e do islamismo estavam menos presentes, justamente porque pessoas muçulmanas e hindus estavam menos presentes. Não vejo nenhum problema nisso.

IHU On-Line - Como o senhor vê a prospectiva da superação da "religião" através da espiritualidade?

Luiz Carlos Susin - Se pensarmos em religião como estruturas institucionais, que têm suas medidas internas de ritos, doutrinas, expressões comunitárias, códigos de mandamentos e comportamentos, de fato, também estamos passando, assim como a teologia, por uma situação de crise, de superação de certos paradigmas e, portanto, uma crise de religiões institucionais. Temos uma religiosidade ou espiritualidade difusa, que desborda as paredes das religiões. Estamos em uma época de bastante espiritualidade e pouca religião

institucional. Isso não é difícil de compreender. Entretanto, essa crise tem um lado positivo, porque ela nos permite ser muito criativos. Permite-nos expressar em novas formas religiosas as grandes tradições da espiritualidade. Essa é uma tendência que vemos presente no Fórum Social Mundial e até mesmo no interior das igrejas: valorizar mais a espiritualidade e colocar no seu devido lugar o lado mais institucional da religião.

IHU On-Line - O senhor concorda com Vigil quando ele afirma que Lula não era a pessoa adequada para realizar politicamente a utopia popular que de fato lhe fora confiada?

Luiz Carlos Susin - Lula pode não ser a pessoa ideal, mas era a pessoa mais viável naquele momento. Temos que ser realistas. Ele não tem todas as qualidades de um grande estadista. Se tivéssemos um Lula melhor do que esse que temos, podíamos ter pensado diferente. Há muito de idealismo nesse pensamento. Que ele não esteja realizando tudo o que se sonhava, é fato; que ele pudesse realizar tudo o que se sonhava também é uma realidade. Mas não tínhamos alguém melhor.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a situação política e econômica do Brasil hoje? Quais suas expectativas para as próximas eleições?

Luiz Carlos Susin - Estamos hoje em uma situação bastante delicada, porque houve uma erosão da autoridade do governo, que não prejudicou tanto a direção da economia, porque ela está atrelada a uma lógica que não depende

da política. A política estava se afogando nas discussões sobre a corrupção, e a economia seguiu sem grandes oscilações, o que mostrou que a política não está governando a economia. Isso é extremamente perigoso e grave. O que deve ser questionado é esse fato. Em segundo lugar, o final bastante melancólico deste mandato de Lula, por causa das CPIs, ajudou muito na tomada de consciência da população. Mas também há uma parcela muito grande que está arriscando um desencanto enorme, ficando mais com a palavra do medo do que da esperança. Isso também é delicado.

O lado positivo da crise

De qualquer forma, a consciência e a verdade do que é fato e não pode ser respondido, foi um ganho, pois mostra que não é apenas por causa das pessoas que estão no governo que existe a corrupção, mas que a corrupção faz parte de um sistema que já existe há tempo. Isso faz a consciência brasileira dimensionar as verdadeiras razões da corrupção. É provavelmente por isso que, apesar de tudo, também na área da política, em termos populares, Lula ainda tenha uma boa aceitação. Isso mostra um certo amadurecimento do julgamento popular. Nas circunstâncias atuais, eu posso abrir meu voto. Não tenho outra pessoa para votar se não o Lula. Se ele ganhar, eu espero que, ao menos, no segundo mandato, ele responda às principais críticas recebidas. É preciso decididamente dar uma ênfase mais forte no lado social.

A relação entre fé e ciência

Entrevista com Paul Alexander Schweitzer

Paul Alexander Schweitzer é um padre jesuíta americano, naturalizado brasileiro, que vive há quase 35 anos no Brasil. Atualmente é professor de Matemática na PUC-Rio. Ele acaba de ser eleito para a Academia Brasileira de Ciências. Esse foi o tema que nos levou a uma conversa realizada com ele, por telefone, nesta semana. Aproveitamos e perguntamos para ele diversos aspectos de sua trajetória e sobre a forma como ele administra a vida de matemático e cientista com a fé cristã.

Graduado em Teologia e Matemática e mestre em Filosofia, o pesquisador é doutor em Matemática pela Universidade de Princeton, nos Estados Unidos e pós-doutor pelo Instituto de Estudos Avançados, na mesma universidade.

Paul Schweitzer ministrou a oficina *A dimensão espiritual da realidade do cosmos. Uma leitura a partir de Einstein e Teilhard de Chardin*, no dia 17 de maio de 2005, durante o *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos.

Na entrevista que segue, ele afirma que espera poder contribuir no cenário da ciência nacional para a aproximação entre ciência e fé. "Para mim, ser jesuíta e matemático é uma combinação muito natural. O meu trabalho como matemático tem uma dimensão divina". E sobre a escolha de ter o céu brasileiro como teto, ele enfatiza: "Foi o dedo de Deus que me trouxe para o Brasil. A minha missão e a minha vida é estar aqui no Brasil". A entrevista foi publicada no sítio do IHU no dia 7 de abril de 2006.

***IHU On-Line* - O senhor acaba de ser eleito para a Academia Brasileira de Ciências. Como sente esse fato? Qual a importância disso para o senhor?**

Paul Schweitzer - Eu me sinto muito honrado em ser membro da Academia Brasileira de Ciências, sem dúvida. Eu, como jesuíta, padre e cientista, espero poder contribuir nesse cenário importante da ciência nacional, para a aproximação entre ciência e fé. Há uma idéia falsa de que ser cientista é um

obstáculo para se ter uma fé e uma prática religiosa. Isso é pura ficção. Espero que a minha presença possa contribuir para superar esse equívoco e para aumentar o diálogo entre ciência e fé, como o Papa João Paulo II pediu.

***IHU On-Line* - Quais as maiores novidades atuais sobre os estudos de matemática?**

Paul Schweitzer- A matemática vai sempre se proliferando e encontrando

novos campos. Na atualidade, a influência do computador tem sido uma grande fonte de novas idéias e novos problemas da matemática. Não tanto porque o computador é usado para calcular, mas pela possibilidade de fazer contas que antigamente seriam totalmente impossíveis. Por exemplo, a área de computação gráfica permite a elaboração de imagens antes inimagináveis. Essas imagens de certos processos e estruturas matemáticas apresentam novas idéias. A questão dos fractais seria um aspecto também importante nesse sentido. Outra questão que vem da computação são as discussões teóricas sobre a computabilidade.

IHU On-Line - O que significa, para o senhor, ser jesuíta e matemático? Como se dá essa relação? Como esses dois pontos se complementam?

Paul Schweitzer - Deus está presente em todas as atividades humanas. O meu trabalho como matemático tem uma dimensão divina. Estamos descobrindo aspectos do universo pela matemática. Não vejo contradição, nem conflito nisso. Evidentemente há uma dificuldade em função do tempo disponível. Mas qualquer pessoa tem que encontrar uma maneira de dividir o tempo entre a profissão e a vida pessoal. Isso não é diferente para mim. Os jesuítas têm uma tradição longa na ciência. O padre Cristóvão Clavius⁵⁵, no século XVI, fez as contas para a mudança do calendário e defendeu a transformação para o calendário gregoriano, que é extremamente precisa. Ele também formou uma geração de cientistas jesuítas. Por exemplo, Mateu Ricci,

⁵⁵ Christopher Clavius (1538 ou 1537-1612): jesuíta que foi um matemático e astrônomo alemão, considerado o principal arquiteto do calendário gregoriano moderno. Nos últimos anos da sua vida, foi o astrônomo mais respeitado na Europa. (Nota da *IHU On-Line*).

grande missionário na China, foi aceito naquele país como um grande sábio, por causa dos conhecimentos científicos e matemáticos aprendidos com Clavius. Para mim, ser jesuíta e matemático é uma combinação muito natural.

IHU On-Line - Em quem o senhor se espelha?

Paul Schweitzer - Gosto enormemente de Teilhard de Chardin⁵⁶, um grande pensador que, como cientista e pessoa de fé, buscava encontrar as razões fundamentais para as coisas da vida. Ele, para mim, é certamente um modelo, uma grande figura. Esses jesuítas do passado, que trabalharam com a ciência, como o próprio padre Clavius, são um incentivo para continuar o meu trabalho. Temos um grupo internacional de matemáticos católicos, cujo nome é "Grupo Clavius de Matemática", que se reúne todo ano. Além da pesquisa que fazemos na área da matemática, temos momentos de encontro sobre fé e sobre a interação entre religião e ciência. Einstein também era uma pessoa que procurava definir e tocar nas perguntas mais fundamentais sobre a vida, buscando atingir um grande ideal, embora eu esteja novamente distante desse ideal. Ele procurava entender os aspectos fundamentais da natureza, e isso motiva a gente.

IHU On-Line - Quais os motivos que o fizeram vir para o Brasil? Como matemático, o senhor não teria mais oportunidade nos EUA?

Paul Schweitzer - Vim para o Brasil, em 1971, convidado por um colega brasileiro que eu conheci quando ele estava

⁵⁶ Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, de 16 a 19 de maio de 2005. (Nota da *IHU On-Line*).

fazendo o doutorado em Chicago: o João Bosco Pitombeira de Carvalho, professor da PUC-Rio. Foi o dedo de Deus que me trouxe para cá. Na verdade, houve uma convergência de três motivos. Primeiro: os jesuítas do nordeste dos EUA, a minha província jesuítica de origem, tinham uma missão no Brasil, principalmente em Salvador da Bahia. Em segundo lugar, eu estava terminando meus estudos e pensava em ter uma experiência fora dos EUA. Finalmente, veio esse convite do professor Pitombeira. Vim para ficar um ano, e vi que teria possibilidade de dar uma contribuição importante.

Uma importante transição

Acredito que o Brasil está em um momento de transição entre uma sociedade tradicionalmente cristã e católica e uma sociedade muito secularizada. Nisso, o papel do cientista com fé me parece extremamente importante. Por isso, fico muito contente de estar aqui, podendo contribuir para que, nessa transição, a ciência não seja obstáculo para a vivência religiosa, mas antes seja uma fonte de reconhecer as maravilhas que Deus fez e motivo para louvar e reverenciar a Deus. É verdade que no exterior, nos EUA, eu teria maiores condições para ter contato com outros matemáticos. Mas ao longo dos anos aqui eu tenho mantido contato com pesquisadores no exterior, tenho participado de congressos no exterior e organizado congressos aqui no Brasil. Esse intercâmbio é possível. Hoje em dia, é cada vez mais possível em função da Internet e da capacidade de me comunicar imediatamente via e-mail. A minha missão e a minha vida é estar aqui no Brasil.

IHU On-Line - E qual o papel da religião e da fé nessa fase de transição da sociedade cristã para uma sociedade secularizada?

Paul Schweitzer - O homem de todos os tempos e sociedades sempre buscou o sentido profundo da vida e acabava encontrando-o numa relação pessoal com Deus. Hoje em dia, há uma idéia errada, mas bastante divulgada, de que uma pessoa que tem uma atitude científica não poderia ter, ao mesmo tempo, uma postura de fé. Essa idéia é totalmente equivocada, mas é muito comum. Por isso, é importante que cientistas que tenham fé estejam presentes e que essa presença mostre a compatibilidade entre ciência e fé. As maravilhas que a ciência atual vai descobrindo, as origens do cosmos, a astronomia, para mim, falam da grandeza de Deus. Não que Deus tenha feito tudo passo a passo, como o relojoeiro incompetente que tinha que voltar constantemente à sua obra. Mas Deus criou o mundo com essas grandes possibilidades que, com a passagem do tempo, vão evoluindo e produzindo as estruturas maravilhosas, a presença da vida e do próprio ser humano. Essas descobertas e observações da ciência, para mim, são motivo de encontro com Deus.

IHU On-Line - Quais são suas atividades atuais na PUC-Rio?

Paul Schweitzer - Sou professor titular de Matemática e oriento teses de mestrado e doutorado. Atuo também como jesuíta e como pessoa de fé. Estou envolvido na questão da identidade e da missão da universidade católica. Temos um grupo de professores na PUC-Rio, chamado "Grupo de Identidade e Missão", que se reúne uma ou duas vezes por mês, para tratar da missão da universidade católica no mundo atual, no Brasil de hoje, e também ver o que nós podemos fazer para contribuir com a realização plena dessa missão.

IHU On-Line - Como o senhor vê a

missão de uma universidade católica na sociedade contemporânea?

Paul Schweitzer- Essa é uma questão difícil de entender, porque a universidade católica tem que ser universidade e, ao mesmo tempo, ser católica e cristã. A própria palavra universidade significa pluralismo, abre para um leque grande de posições e atitudes. Temos que reconhecer e aceitar na comunidade acadêmica pessoas que têm visões bem diferentes, como agnósticos, ateus ou de outras religiões. Ao mesmo tempo, queremos que a instituição tenha, em certo sentido, um compromisso de fé, de atuação religiosa. Essa interação é uma questão muito delicada. O ponto de encontro entre as pessoas que não compartilham a fé cristã, e a missão da universidade católica pode ser encontrado em valores humanos que são comuns a pessoas de boa vontade, mesmo sem fé religiosa. Os bons princípios éticos e humanísticos têm a fonte na pessoa de Jesus de Nazaré, o Cristo. Esses princípios éticos, como a visão da dignidade de cada ser humano, a importância de se ter um mundo em que todos possam ter uma vida digna, a preservação do meio ambiente, a justiça, a fraternidade, em grande parte, vêm de Jesus, mas são parte do patrimônio da humanidade. Nesses princípios, encontramos a ponte entre o compromisso oficial da universidade, como católica, e a participação de pessoas que não tenham e não partilham a fé, mas que têm bons princípios, que

procuram viver e transmitir esses valores humanos.

***IHU On-Line* - O senhor esteve conosco, aqui no IHU, no simpósio Terra Habitável, realizado no ano passado. Como o senhor vê o IHU e a Unisinos?**

Paul Schweitzer - A Unisinos tem a grande felicidade de ter o Instituto Humanitas. O que o IHU está fazendo, investigando os valores e pontos de contato entre a vida acadêmica e as dimensões de fé religiosa e cristã, é uma contribuição extremamente importante. Vejo o IHU como um dos pontos mais positivos e fortes da atuação da Unisinos. Ele é o modelo e um incentivo para tentarmos fazer algo semelhante aqui na Universidade Católica do Rio de Janeiro. Temos o Centro Loyola de Fé e Cultura, que trabalha nesse sentido. Mas o Instituto Humanitas está fazendo um trabalho excelente nos valores humanos, que são ponte entre a fé religiosa e a vivência de todas as pessoas de boa vontade. É muito importante na formação dos jovens, dos alunos universitários, que eles encontrem, em primeiro lugar, os valores humanos, éticos, da dignidade humana, do valor do serviço e da fraternidade e, ao mesmo tempo, que percebam a fonte desses valores, que vêm de Deus e da pessoa de Jesus Cristo. Desejo muito êxito a vocês nesse trabalho.

IHU em revista

Eventos	pg. 58
IHU Repórter	pg. 70
Sala de Leitura	pg. 73
Errata	pg. 74

Quarta com Cultura Unisinos

No dia 12 de abril, no **Ciclo Repensando os Clássicos da Economia**, integrante do **Quarta com Cultura Unisinos**, o prof. Dr. Flávio Comim apresentará o tema *Amartya Sen e suas principais obras*. A atividade, que acontece na Livraria Cultura, em Porto Alegre, no Bourbon Shopping, inicia às 19h30min e se estende até as 21h30min, com entrada franca. O mesmo tema será debatido em 2 de agosto de 2006 na Unisinos, na Sala 1G119 do IHU, das 19h30min às 22h, dando continuidade ao **II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. Confira a entrevista que segue.

Amartya Sen e uma nova ética para a economia

Entrevista com Flávio Comim

Em conversa por telefone com *IHU On-Line* a respeito do pensamento do economista indiano Amartya Sen, o Prof. Dr. Flávio Comim afirma que “a questão principal, de acordo com Sen, não é se economia é compatível com ética. A questão é qual ética deve ser usada na economia. O que ele critica é que a economia vem usando a ética equivocada, errada, porque não reconhece a importância do desenvolvimento humano, tem uma indiferença distributiva grande, não reconhece os aspectos qualitativos que envolvem na caracterização do ser humano, como a questão de levarmos em consideração algumas atitudes que não podem ser reduzidas apenas a utilidades, conseqüências. O que ele propõe, no fundo, é uma nova ética”. Além disso, frisa Comim, de acordo com as idéias de Sen, “o crescimento econômico não deve ser perseguido *per se*, mas deve estar a serviço da promoção de uma coesão social e estruturas minimamente justas na sociedade”.

Comim é economista graduado pela UFRGS, mestre na mesma área pela USP, e mestre, doutor e pós-doutor pela University of Cambridge, Inglaterra também em Economia.

IHU On-Line - Em quais aspectos reside a atualidade do pensamento de Amartya Sen?

Flávio Comim - A atualidade da obra de Sen⁵⁷ reside na sua ênfase à questão do desenvolvimento humano e à valorização da questão ética no tratamento dos problemas econômicos. A conceitualização de desenvolvimento é fundamental, porque é comum encontrarmos as pessoas usando a expressão desenvolvimento, significando, na maioria das vezes, crescimento. Esse é um significado tão estabelecido no discurso social e político que vemos as pessoas falarem em desenvolvimento sustentável, que deveria envolver aspectos ambientais, referindo-se, contudo, a crescimento continuado, à estabilidade. O principal aspecto da obra de Sen ao conceitualizar desenvolvimento é entendê-lo como um processo que deve ser avaliado em relação a fins que as pessoas são capazes de realizar. Isso porque ele coloca uma distinção importante, que é uma distinção aristotélica entre meios e fins, na qual crescimento econômico é apenas um meio para atingirmos o desenvolvimento, e ele qualifica desenvolvimento como desenvolvimento humano. Nessa perspectiva de desenvolvimento humano, a contribuição dele é muito atual porque faz acadêmicos, governo, sociedade civil pensarem o processo

⁵⁷ Alguns de seus livros disponíveis em português são *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, *Desigualdade Reexaminada*. Rio de Janeiro: Record, 2001 e *Sobre ética e economia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. (Nota da *IHU On-Line*)

de desenvolvimento por meio dos fins. O que são os fins? É como as pessoas estão efetivamente, ou seja, na saúde, na educação e nas demais dimensões de seu bem-estar (Sen chama a isso de ‘funcionamentos’). Funcionamentos são aquelas coisas que as pessoas podem ser e fazer. Ao invés de julgar o desempenho de uma sociedade apenas pelo crescimento econômico, julgamos o seu desempenho por uma avaliação de como as pessoas realmente estão. Essa é uma primeira resposta, sob o aspecto de atualidade que tem a ver com a conceitualização do desenvolvimento, mas também tem a ver com o entendimento de como o setor público e o mercado podem trabalhar juntos.

Durante muito tempo, vivemos uma ideologia muito forte ou pró-mercado, ou pró-estado, na qual se perdeu a oportunidade de pensar sinergias entre os dois, e mesmo de como as deficiências de mercado devem ser superadas pelo Estado, e vice-versa. Parece algo estranho, mas isso, na verdade, é desenvolvido por um pragmatismo teórico de Sen, que é muito atual também. Esses são os dois aspectos fundamentais que destaco.

IHU On-Line - O que suas idéias podem contribuir para repensar a economia brasileira?

Flávio Comim - Para Sen, a economia deve ficar no seu lugar. Ela não deve ser o “mestre”. A economia é um bom “serviçal”, mas um mau mestre. Isso porque não podemos usar a economia para determinar as regras de funcionamento da sociedade. Pelo contrário, são as regras de

funcionamento da sociedade que devem determinar o tipo de economia que devemos ter. Mais especificamente, o crescimento econômico não deve ser perseguido *per se*, mas deve estar a serviço da promoção de uma coesão social e estruturas minimamente justas na sociedade.

***IHU On-Line* - Podemos dizer, então, que há uma inversão de papéis, com a economia ocupando posição central?**

Flávio Comim - Exatamente, ela virou o centro da questão, quando ela não o é. A questão principal é a da organização social. Em função da organização social, escolhemos qual o tipo de economia mais condizente, mais compatível com isso, e não primeiro definir a economia e fazer a sociedade se organizar da maneira que pode. No fundo, existe um binômio que, muitas vezes, não é reconciliável, entre eficiência e equidade. A economia reza para o deus da eficiência, mas não reza para o deus da equidade, necessariamente. Mercado produz eficiência alocativa, mas o mercado não produz, automaticamente, equidade. Uma questão importante é como a sociedade pensa esse binômio, eficiência e equidade e como, com base nisso, podemos reestruturar a sociedade. No Brasil, nós vivemos uma ideologia completamente contrária, e é muito difícil convencer as pessoas de que a economia tem o seu lugar e que esse lugar não é no centro, mas subjacente.

***IHU On-Line* - Por que o pensamento de Sen continua pouco conhecido no Brasil?**

Flávio Comim - São várias as razões. Primeiro, vivemos sob o signo do crescimento econômico como principal motor do desenvolvimento. As idéias de Sen, críticas ao crescimento como um fim em si mesmo, são nesse contexto, pouco atraentes. Segundo, o trabalho de Sen é de uma certa complexidade e contempla a união de várias áreas do saber, como filosofia, economia, política, educação etc. A nossa estrutura acadêmica segmentada dificulta a apreciação de suas idéias. Finalmente, poderíamos mencionar a falta de interesse institucional em dar suporte às idéias dele, como existe na Comunidade Européia ou nas Nações Unidas.

***IHU On-Line* - Em relação às suas três principais obras, quais as idéias que destaca como mais importantes?**

Flávio Comim - Na realidade, o que irei falar no evento vai além desses trabalhos principais. Eles apenas servem como âncora porque são trabalhos muito conhecidos. Eu gostaria de mencionar que a principal contribuição do Sen para o que se entende hoje como desenvolvimento está relacionada à abordagem das capacitações. Os principais pilares da abordagem são, primeiro, a distinção entre meios e fins, que vê o desenvolvimento humano como fim, e caracteriza o humano em função de capacitações. Segundo, a definição de capacitações, que são liberdades, nas quais a pobreza é vista como privação

de capacitações básicas. Assim, uma pessoa pobre o é não porque não tenha renda, mas sim porque não tem capacitações consideradas fundamentais, aquelas liberdades centrais.

Bem-estar humano em sua multidimensionalidade

Um outro item fundamental da obra de Sen é que, na caracterização do bem-estar humano, temos que ver o ser humano na sua multidimensionalidade, isso porque se a renda não é um indicador perfeito de bem-estar, como ele mostra, não basta olharmos para a dimensão renda que estaria correlacionada com as demais. Temos que ver o resultado. Muitas vezes, uma pessoa possui renda acima de um determinado mínimo, mas com baixos níveis de educação, e por conta disso os níveis de saúde dela e de sua família podem ser muito baixos. Ao invés de olhar para a renda para avaliar se uma pessoa está bem ou não, porque não olhamos diretamente para o bem-estar dela?. Quanto à abordagem das capacitações, são várias as características difíceis de resumir. O livro de 1992, chamado *Desigualdade reexaminada*. Rio de Janeiro: Record, 2001. trata única e exclusivamente sobre isso. Ele vai definir qual é o problema geral que existe, de que o fundamento filosófico da economia, chamado de utilitarismo, tem várias falhas, entre as quais cabe destacar duas: a primeira é usar recursos como indicadores de bem-estar, a questão da opulência. A segunda é a distorção da métrica subjetiva. Isso é importante, e Sen

caracteriza como preferências adaptativas (isto é, as próprias condições objetivas das pessoas influenciam a avaliação que elas têm de suas próprias vidas). Então é comum falarmos com uma pessoa muito pobre e perguntar “como vão as coisas” e ela responder “tudo bem, nunca estiveram melhores e eu estou muito feliz”. Se perguntamos a ela, classificando de um a dez, como ela está, ela responderá “20”! Isso chama a atenção para um problema que é muito relevante na obra de Sen, porque, para ele, desenvolvimento deve ser conduzido de baixo para cima, e não de cima para baixo. Essa estratégia, que chamamos de *bottom-up*, é fundamental para a implementação do pensar sobre o desenvolvimento. Não é o governo federal ter um bom plano e implementá-lo. É construirmos os planos com base na homogeneização da sociedade, de uma discussão pública, mas não em bases subjetivas. A idéia de discussão pública e democracia é fundamental na obra de Sen. Na abordagem das capacitações, não vale unicamente ter uma lista de quais capacitações são centrais. A autora Martha Nussbaum faz isso. Ela elege as capacitações básicas centrais. Sen discorda disso, porque para ele, essa lista de capacitações que a sociedade deveria promover e usar para avaliar seu bem-estar, tem que ser construída com a discussão pública.

***IHU On-Line* - Como a fome e a desigualdade são apontadas pelo economista?**

Flávio Comim - O principal trabalho que Sen fez sobre o tema, que foi *Pobreza e fome generalizada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, escrito em 1981, não está centralizado no seu pensamento corrente, mas tem a ver com o conceito que ele desenvolveu de intitamentos. Há, no entanto, uma característica que está relacionada com seu trabalho corrente. O aspecto que não está relacionado e que ele viu numa análise de vários casos de fome generalizada em vários países na África e na Ásia, não porque não existisse nesses países comida. O resultado que ele descobriu foi interessante. O que ele observou foi que, em todos países, principalmente no século XX, em que existiu fome generalizada, não havia governos eleitos democraticamente. Então, quando temos uma ditadura, um ditador, quando não há uma classe média que forma opinião, não temos transparência de informação, não mobilizamos a sociedade para resolver essas calamidades, que, na maior parte das vezes, tem a ver com secas continuadas. Fundamental para eliminar a fome, é haver democracia, discussão, participação pública.

IHU On-Line - Como aconteceu a fome na trajetória pessoal de Amartya Sen?

Flávio Comim - Na trajetória pessoal dele, paradoxalmente, a fome não aparece tanto quanto aparece o sectarismo religioso. Em várias partes, inclusive no último livro que ele lançou, *The argumentative indian: writings on indian history, culture and identity*. New Delhi: Penguin Books,

2005, ele comenta muitas questões pessoais, de sua infância, nas quais ele viu muitas pessoas serem mortas por sectarismo religioso, principalmente durante a independência da Índia, entre muçulmanos e hindus. Essa visão de sectarismo levou-o a perceber a questão das liberdades individuais como um princípio não negociável, ou seja, de que até podemos passar fome, mas se passarmos fome, mas tivermos por onde resolver o problema, existe esperança. Se as próprias liberdades que constituem a organização social não permitem nossa ação, ficamos sem recursos, sem ter o que fazer.

Sen não relata nenhuma experiência pessoal ou mais concreto sobre a fome. Por ter nascido na Índia antes da Independência, o que corresponderia hoje a Bangladesh, uma região naturalmente pobre, ele viu a pobreza desde cedo, perto de si. Mas a pobreza da Índia é diferente da nossa, e isso precisa ser levado em consideração. O que fica evidenciado em toda sua obra é uma preocupação com a liberdade das pessoas, não somente com a fome como expressão de subnutrição, mas como expressão de incapacidade das pessoas de fazer o que é melhor para suas vidas. A fome é uma privação que está relacionada a uma falta de liberdade das pessoas fazerem outras coisas. Uma pessoa com fome não pensa em outras coisas, pensa em se alimentar primeiro. Todo o resto é secundário.

IHU On-Line - No caso específico do livro Sobre ética e economia (On Ethics and Economics. Oxford:

Basil Blackwell, 1987), elas podem coexistir? Como?

Flávio Comim - A pergunta interessante que Sen fez nesse livro é a seguinte: qual é o tipo de ética que está por trás da economia? A sua resposta foi a ética utilitarista. A questão não é uma ética, é qual ética. A questão não é apenas igualdade, mas igualdade de quê que estamos assumindo. Estamos falando de igualdade de utilidades entre as pessoas, estamos falando de igualdade bens primários, de igualdade de direitos, de igualdade de capacitações? Nesse livro de 1987, ele diz que o utilitarismo tem três características. Uma delas se chama consequencialismo, outra *welfarismo*, e a terceira, somatório. A primeira característica tem a ver, e é parte da ética da economia, em que damos importância apenas àquilo que tem consequências. Coisas que não têm consequências não teriam importância. A segunda diz que todos os aspectos da vida podem ser redutíveis em relação à utilidade que é gerada. A terceira diz que somamos as utilidades totais para avaliar o impacto das consequências. Sen mostra que, muitas vezes, o melhor curso de ação independe da consequência. As pessoas preferem fazer uma greve de fome porque é o que elas consideram correto, apesar de estarem prejudicando o seu bem-estar, ou elas decidem tomar uma decisão correta mesmo sabendo que as consequências disso serão negativas pessoalmente.

Exemplos brasileiros

Temos exemplos diversos na política brasileira sobre isso. Mas a categoria é mais ampla. Veja que tradicionalmente o FMI, quando tem uma política de ajustamento estrutural, força os governos a ter superávits fiscais, o que, muitas vezes, acaba vindo de redução de gasto de saúde em educação, demissão de funcionários públicos em alguns países, privatização de setores como o da água. O próprio entendimento de que existem algumas coisas de que não devemos fazer vem não dessa ética usada na economia, que é a utilitarista.

O que Sen faz é criticar o utilitarismo como fundamento ético e colocar uma ética baseada nas capacitações, uma ética liberal, que estimula a criação de oportunidades. Repetindo: a questão principal, de acordo com Sen, não é se economia é compatível com ética. A questão é qual ética deve ser usada na economia. O que ele critica é que a economia vem usando a ética equivocada, porque não reconhece a importância do desenvolvimento humano. Há uma indiferença distributiva grande, não reconhece os aspectos qualitativos que envolvem na caracterização do ser humano, como a questão de levarmos em consideração algumas atitudes que não podem ser reduzidas apenas a utilidades, consequências. O que ele propõe, no fundo, é uma nova ética.

***IHU On-Line* - Qual é o mérito da tentativa de Sen em unir filosofia moral com análise econômica? O que essa junção pode ensinar às sociedades pós-modernas?**

Flávio Comim - O principal mérito de colocar filosofia moral com economia é que ampliamos a base informacional dos julgamentos sobre a avaliação de bem-estar. O bem-estar das pessoas é visto não somente como uma questão de opulência, mas como caracterização multidimensional de liberdade das pessoas. Isso leva a entendermos as pessoas de maneira multidimensional e, como tal, pensar a política pública de uma maneira integrada. Um dos grandes problemas que temos no Brasil e no mundo, é que temos um ministério da Saúde, da Educação, que, poucas vezes conversam entre eles. Eles não vêem toda a pessoa. A análise do Sen, porque tem uma base informacional mais ampla, convida as pessoas a pensarem o ser humano como um todo, e pensarem na relação entre os seres humanos como a verdadeira riqueza das nações, das sociedades. Uma filosofia moral adequada de acordo com ele é a base para avaliarmos e pensarmos o desenvolvimento e sociedade. Se não tivermos essa filosofia moral, voltamos ao economicismo.

IHU On-Line - Quais são os principais modelos econômicos que estão em questão nos governos da América Latina, especialmente naqueles que se chamam de esquerda?

Flávio Comim - O problema que existe hoje na América Latina é que existem muitos modelos políticos que passam por modelos econômicos, sem haver a constituição de um novo modelo econômico. No Brasil, quando tivemos um governo de esquerda e

pensamos que teríamos um novo modelo econômico, permanecemos com o que já havia. Temos, hoje na América Latina: 1) um modelo assistencialista, que é o da Venezuela, que tem vantagens e desvantagens O assistencialismo, em determinadas ocasiões, é importante no curto prazo, mas no longo prazo causa dependência. Na realidade, ele não ensina as pessoas a pescar. Hoje há uma supremacia muito grande do modelo que eu chamaria de 2) globalização, de abertura de mercados. Eu não chamaria isso de liberalismo, porque acho que existe muita confusão entre o liberalismo clássico e o neoliberalismo, usado em termos políticos, não econômicos. Em um modelo de globalização, de abertura de mercados, isso existe e parece que é o “único show da cidade”, parece que o único modelo disponível no momento, com pequenas tentativas de um modelo assistencialista.

Se me perguntarmos se acho que, baseado na obra de Sen esse é o melhor modelo ou se esses são os melhores modelos (incluindo o modelo assistencialista), eu diria que não. No nosso modelo de abertura de mercados existe um centro de gravidade que está na economia e que não deveria estar. É difícil falar de um modelo econômico isolado de outras considerações. Não existe contemporaneamente na América Latina um modelo econômico pensado além do modelo de abertura de mercado e do assistencialista. Esses são os dois modelos vigentes. O modelo baseado na abordagem das capacitações seria o de

desenvolvimento humano, no qual a prioridade seria de enxergarmos as complementaridades que existem no setor público e no mercado na promoção das capacitações das pessoas. De certo modo, esse modelo social faz parte da história de alguns países como a Costa Rica e o Equador. Na implementação desse modelo social, a ênfase é dada àqueles que são os mais pobres entre os pobres, ou seja, àqueles pessoas cujas capacitações é o mais baixo de todos na sociedade. É uma estratégia que chamamos de maxi-min, de maximizarmos daqueles que têm menos. Para realizar essa estratégia, deveríamos repensar o crescimento econômico, não do ponto de vista quantitativo, mas do ponto de vista qualitativo.

***IHU On-Line* - A mudança no ministro da Fazenda pode prometer alguma modificação no rumo da economia no País?**

Flávio Comim - Vou tentar relacionar essa pergunta às demais que você fez. Eu acho que não deve mudar. O mais difícil, como disse Keynes⁵⁸, é nos

⁵⁸ John Maynard Keynes (1883-1946): economista e financista britânico. Sua *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* (1936) é uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômicas, e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não-comunistas. De Keynes, publicamos um artigo e uma entrevista na 139ª edição da *IHU On-Line*, de 2 de maio de 2005, outra entrevista na 144ª edição, de 6 de junho de 2005, dois artigos na 145ª edição, de 13 de junho de 2005, e o *Cadernos IHU Idéias* nº 37, de 2005, intitulado *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes*, de autoria do Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho. (Nota da *IHU On-Line*)

livrarmos das velhas idéias e não adotar as novas. Temos hoje no Brasil economistas ortodoxos e heterodoxos que rezam pela mesma cartilha, dado que estão todos interessados apenas na promoção do crescimento econômico. O modo de conseguir esse crescimento econômico (com taxas de juros mais elevadas como é hoje, ou taxas de juros mais baixas) parece ser o grande foco de debate. Mas isso é uma questão irrelevante, porque do ponto de vista do desenvolvimento humano a questão não é gerar maior quantidade de crescimento. Políticas de crescimento são o grande instrumento de engenharia social conservadora no Brasil. Devemos aceitar que a sociedade vem com uma hierarquia imposta, e essa hierarquia social é favorecida pela assimetria de informação causada pelo crescimento. O crescimento, em princípio, beneficia a todos, assim como a inflação prejudicava a todos. Basta lembrarmos que a inflação que tivemos recentemente de fato não prejudicava a todos, e que o crescimento não beneficia a todos, mas sim o faz de uma maneira bem desigual. Para as pessoas que hoje não estão no mercado de trabalho e que passam fome, tanto faz ter um crescimento econômico de 1% ou 10%. Para elas não há diferença.

Páscoa 2006. Cultura, arte e esperança

Cantando sonhos e certezas – “Cantos Pascais”

Nesta terça-feira, 11 de abril, das 18h45min às 19h30min, acontecerá, no Espaço Cultural do Instituto Humanitas Unisinos – IHU a atividade *Cantando sonhos e certezas – Cantos Pascais*. A apresentação será executada por alunos da Escola Sinodal de Educação Profissional (ESEP) e do Instituto Superior de Música (ISM), ambas ligadas à Escola Superior de Teologia (EST). A entrevista que segue foi feita por e-mail, resultado de uma conversa com alguns professores da ESEP e do ISM: Ana Althoff (ESEP), Ruth Kratochvil (ESEP/ISM), Richard Lipke (ESEP), todos entrevistados pela edição 173 da *IHU On-Line*, de 27 de março de 2006 a respeito das atividades que conduziram dentro da programação *Páscoa 2006*, e Dermeval Keller (ESEP).

***IHU On-Line* - Quais serão as canções que compõem o repertório dos Cantos Pascais a ser apresentado neste dia 11?**

Ana Althoff - Como seria difícil e, talvez, pouco significativo fazer um repertório inteiro dedicado a cantos pascais, optamos por montar o que chamamos de Cantata de Páscoa: vamos cantar a história de Jesus, desde a profecia que anunciou a vinda do Salvador até sua ressurreição. A lista dos cantos pode ser conferida a seguir.

***IHU On-Line* - Que reflexões essas canções podem suscitar em função do período de renovação que a Páscoa representa?**

Ana Althoff - Com essas canções tentamos dar uma visão geral da história de Cristo. A esperança pela promessa de um Salvador e a alegria por sua chegada, por sua vida e por seu amor tão poderoso são “momentaneamente” encobertas pela tristeza que acompanhou a crucificação. A Bíblia fala da tristeza deste evento e da reação de pessoas que conheceram Jesus: o desespero de Judas, o fracasso da fé de Pedro, a dor de Maria. Entretanto, a ressurreição e o triunfo de Jesus sobre a morte dão lugar a uma grande alegria. Com esta vitória, o poder da tristeza é destruído e acontece o retorno da esperança, que pode ser bem representada pela reconciliação de Pedro com Jesus. Estas canções nos ajudam a compreender melhor a história deste

novo viver que realmente começou com uma tumba vazia.

***IHU On-Line* - De que forma a música pode auxiliar no resgate do autêntico sentido da Páscoa?**

Ana Althoff - Para os cristãos, a Páscoa é a celebração da vitória da vida. A música pode nos conduzir a um estado de meditação ou de reflexão bastante apurado, e junto com seus textos pode ser uma grande protagonista no restabelecimento do sentido da Páscoa. Aqui podemos ver o poder da música: por meio dela conseguimos celebrar a vitória de Cristo sobre a morte, através dela somos desafiados a celebrar a vida. Neste caso específico, fica mais fácil valorizar tal celebração quando

conhecemos a história da vida de Jesus, com suas alegrias, tristezas e sofrimento. E a música nos ajuda tanto a expressar a alegria quanto a dor, permitindo até mesmo suavizar a opressão.

***IHU On-Line* - Qual é a importância de trazer esse tipo de atividade cultural para a comunidade universitária?**

Ana Althoff - Para nós este é um importante momento de divulgação, mas também de partilha. E também consideramos importante a formação do público que pode aproveitar e interagir com culturas que também são suas.

Novas publicações do IHU

O Desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter

« As transformações experimentadas pela economia mundial desde a década de 1979 renovaram o interesse por um dos economistas mais brilhantes da profissão: Joseph Alois Schumpeter. A atenção que lhe passou a ser dispensada se deve a que no centro das mudanças então observadas se encontram um conjunto de inovações que têm, desde então, alterado a paisagem industrial e o modo como o homem reproduz sua vida material », escreve Achyles Barcelos da Costa, economista, professor titular na Unisinos.

O artigo está publicado no n.º 47 dos *Cadernos IHU Idéias* recém-lançado.

Segundo o prof. Achyles, « o brilhantismo de Josep Schumpeter não está apenas em ser um pensador original e criativo, mas por manter suas idéias atuais, com conteúdo universal e por ter sido um dos poucos economistas a se aventurar a fazer uma análise da transição social sob o capitalismo ».

Os *Cadernos IHU Idéias* podem ser adquiridos na Livraria Cultural ou pelo endereço humanitas@unisinos.br.

Religião e elo social na ultramodernidade

Estudar as metamorfoses da relação religião/elo social na sociedade da ultramodernidade na qual vivemos, sociedade que parece ser, hoje, o horizonte provável da mundialização e analisar a possibilidade da recomposição da relação entre religião e elo social, particularmente para o cristianismo, é o tema do artigo *Religião e elo social. O caso do cristianismo* que acaba de ser publicado nos *Cadernos IHU Idéias*, n.º 48.

O artigo é de Gerard Donnadieu, doutor em Ciências Físicas, engenheiro de Artes e Ofícios, secretário-geral da Associação Francesa de Ciência dos Sistemas e professor de teologia na École Cathédrale de Paris.

Os *Cadernos IHU Idéias* podem ser adquiridos na Livraria Cultural ou no endereço humanitas@unisinos.br.

IHU Repórter

Maria Teresa Anselmo Olinto

A importância dispensada à formação intelectual do indivíduo, trouxe de família.



A mãe, professora, sempre se preocupou em escolher a escola que pudesse oferecer a melhor educação, esta sempre foi a prioridade absoluta. O resultado não poderia ser outro, a carreira acadêmica surgiu naturalmente. Mestre em Epidemiologia e doutora em Saúde Coletiva, coordenou a equipe que elaborou o projeto do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, na Unisinos, do qual é coordenadora. Sua maior satisfação é saber que, em cinco anos de trabalho, contribuiu para qualificar a vida profissional e acadêmica de muitas pessoas. Vamos conhecer um pouco mais sobre a professora Maria Teresa Anselmo Olinto.

Família – Nasci em Rio Grande. Sou de uma família grande, de seis irmãos, e muito unida até hoje. Meu pai, Adyr, era formado em Direito e minha mãe, Alba, em Pedagogia. O pai era um dos diretores da Refinaria de Petróleo Ipiranga em Rio Grande. Minha mãe foi

professora até falecer, aos 38 anos. Ela sempre dizia que a educação deveria estar em primeiro lugar. Outra lembrança forte que trouxe da família são as viagens. Viajamos muito conhecendo todo Rio Grande do Sul, todo o Estado de Santa Catarina e todo o Uruguai. Quando começamos a ficar adolescentes não queríamos mais acompanhar e depois que a mãe faleceu não mantivemos o mesmo ritmo.

Brincadeiras – Posso dizer que realmente eu tive infância. Nós seis sempre fomos muito ligados e morávamos numa casa muito grande. O jardim era todo desenhado com cerca viva, e havia um chafariz no centro. Dizem que meu avô tentou reproduzir a casa que ele tinha na Itália. Era um jardim muito lindo.

Trajetória – Aos 17 anos, ingressei no curso de Engenharia, na FURG (Fundação Universidade Federal do Rio Grande), mas quando casei me mudei para Pelotas. Na FURG, as engenharias eram muito conceituadas e em Pelotas, na época, não havia a mesma tradição, por isso optei fazer cursar Nutrição. Em 1984, formei-me pela UFPel. Trabalhei durante algum tempo como responsável pelo programa de suplementação alimentar na prefeitura de Pelotas, o PSA. Foi nesta época que descobri que gostava de epidemiologia. Decidi me especializar na área e fui fazer um pós na Fundação Oswaldo Cruz. Quando retornei, fui trabalhar no Centro de Pesquisas Epidemiológicas que estava se formando na UFPel e fiz meu mestrado lá. Concluído o mestrado fui passar um ano em Nova York, trabalhei no escritório da UNICEF, avaliando projetos de pesquisa. Depois disso regressei ainda para o Centro de Pesquisas da UFPel e em 1996 entrei no doutorado, na Unicamp, em Saúde Coletiva. Quando terminei já estava começando a trabalhar na Unisinos e fui me desligando aos poucos do Centro de Pesquisas até me mudar para Porto Alegre em 2000 e me dedicar exclusivamente à Unisinos.

Desafio – A criação do Programa de Saúde Coletiva da Unisinos. Começamos em 2002 e hoje já vamos para a quinta turma. Para mim é uma satisfação muito grande estar aqui porque conheço este programa desde o primeiro dia em que tivemos a idéia. Hoje podemos ver nas principais revistas científicas em Saúde Coletiva do País as dissertações de nossos alunos egressos sendo publicadas. Observo que os egressos do nosso PPG estão sendo muito bem aceitos e procurados por outras universidades.

Autor – Isabel Allende

Livro – Eu acho injusto ter que citar um livro. Sempre leio dois ao mesmo tempo. Terminei agora *O caçador de Pipas* e estou lendo *O Enigma de Vivaldi*, de Peter Harris.

Filmes – *Sob o Sol da Toscana*, de Audrey Wells; *O tempero da vida*, de Tassos Boulmetis; *Como água para Chocolate*, de Alfonso Arau e *Pão e Tulipas*, de Silvio Soldini.

Presente – Um bom livro.

Viagens – Eu viajo muito. Um dos lugares que eu mais gostei de visitar, já como adulta, foi a Costa Malfitana Tornei-me uma apaixonada pelo lugar e também pela região da Provence, na França.

Meta - Quero fazer o meu pós-doutorado no próximo ano. Terminei o doutorado em 1998 e, como professora do PPG, estou precisando me internacionalizar mais. É provável que faça na área de Epidemiologia e Nutrição, agora juntando as duas áreas. Por mim e pelo programa, está na hora de um pós.

Unisinos - Sempre enxergo a Unisinos tentando acertar. Entrei em 1998 e nessa época não havia problemas financeiros. Agora estamos vivendo outra realidade, muito similar àquela das universidades públicas. Mas, como todos sabemos, em momentos de crise é que a criatividade aparece.

Instituto Humanitas Unisinos - Vejo o IHU sempre com trabalhos sérios, de qualidade e com profundidade. Penso que a abrangência de divulgação dos trabalhos deveria ser mais ampla, ainda considero muito restrita a Unisinos.

Sala de Leitura



Neste momento, estou lendo o romance *Rumo ao farol*. Publifolha: São Paulo, 2003, de Virginia Woolf, com tradução de Luiza Lobo. O livro narra dois episódios na vida da família Ramsay, cuja casa de veraneio no sul da Inglaterra é palco de uma série de encontros e desencontros entre as mais variadas personagens (o Sr. Ramsay, sua esposa, seus oito filhos e mais alguns hóspedes). O primeiro episódio, que tem como fio condutor a figura intrigante da Sra. Ramsay, versa sobre a possibilidade de um passeio ao farol no dia seguinte àquele em que ocorre a narrativa. O passeio acaba não acontecendo, por força do mau tempo, causando grande frustração a todos. Dez anos depois, no segundo episódio, a Sra. Ramsay está ausente, e o passeio, por fim, acaba se concretizando. A principal característica do livro de Virginia Woolf, centra-se, entretanto, na forma como ela narra a história, utilizando-se do fluxo de consciência, que acabou por se tornar uma das marcas da modernidade na literatura universal.

Prof.ª Dr.ª Márcia Lopes Duarte, professora do curso de Letras da Unisinos



Estou lendo o livro *El feminisme*. Barcelona: Editorial UOC, 2005, de Margot Pujal, professora do Departamento de Psicologia Social da Universitat Autònoma de Barcelona, UAB. Neste pequeno livro, Margot traça um histórico dos movimentos feministas até as vertentes atuais, como o ecofeminismo. Pujal propõe a desconstrução do binarismo sexo/gênero, cuja lógica dicotômica produz e mantém hierarquias de desigualdade e aposta no agenciamento de subjetividades fluidas, permeáveis, nômades em um exercício de práticas subversivas e transformadoras.

Prof.ª Dra. Stela Nazareth Meneghel, professora do programa de pós-graduação em Saúde Coletiva

Errata

1 – Na nota de rodapé n.º 48, da edição 174 da *IHU On-Line* cometemos um erro de informação. **Karl Barth** (1886-1968) foi um cristão calvinista e não católico, como erroneamente publicamos.

2 – Na entrevista com o Prof. Dr. Martin Dreher faltaram as aspas em « Daí chego à conclusão de que, quando os anjos louvam a Deus, dificilmente executarão músicas de Bach, mas, com toda a certeza, tocarão Mozart e que então Deus os ouvirá com muita atenção ». Esta citação é de Karl Barth e não do professor Martin Dreher como pareceu.

3 – O título correto da tese defendida na Universität München, pelo professor Martin Dreher é *Kirche und Deutschtum in der Entwicklung der Evangelischen Kirche Lutherische Bekenntnisses in Brasilien*.

EXPEDIENTE

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor da Revista *IHU On-Line*: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Sonia Montañó (soniam@unisinos.br). Redação: Márcia Junges Mtb 9447 (mjunges@unisinos.br) Yordanna Colombo MTB 12039 (ycolombo@unisinos.br) e Daiane Evangelista (devara@unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@unisinos.br). Projeto gráfico: Atelier Design Editorial Ltda. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Graziela Wolfart (grazielaw@unisinos.br) e Ana Maria Moreira (ammoreira@unisinos.br).

IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.unisinos.br/ihu. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. - Apoio: Comunidade dos Jesuítas- Residência Conceição.

Instituto Humanitas Unisinos- Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Diretora Adjunta: Profª Dra. Hílana Reis (hiliana@icaro.unisinos.br). Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br . Fone: 51 591.1122 – ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.